



Universidade de Brasília

Faculdade de Administração, Contabilidade, Economia e Gestão de Políticas Públicas
Departamento de Gestão de Políticas Públicas

CARLOS EDUARDO ALVES DA SILVA

**NOVAS DINÂMICAS DE FORMAÇÃO DE PÚBLICOS:
O caso dos coletivos urbanos do Distrito Federal**

Brasília/DF
2017

CARLOS EDUARDO ALVES DA SILVA

Novas Dinâmicas de Formação de Públicos:

O caso dos coletivos urbanos do Distrito Federal

Monografia apresentada ao
Departamento de Gestão de Políticas
Públicas como requisito parcial à
obtenção do título de Bacharel em
Gestão de Políticas Públicas.

Professora Orientadora: Dr^a Rosana de
Freitas Boullosa

Brasília – DF
2017

FICHA CATALOGRÁFICA

Sn SILVA, Carlos Eduardo Alves da

Novas Dinâmicas de Formação de Público: o caso dos coletivos urbanos do DF / Carlos Eduardo Alves da SILVA; orientador Rosana de Freitas BOULLOSA. -- Brasília, 2017.

71 p.

1. Coletivos Urbanos. 2. Movimentos Sociais. 3. Pós positivismo. I. BOULLOSA, Rosana de Freitas, orient. II. Título.

Carlos Eduardo Alves da Silva

**NOVAS DINÂMICAS DE FORMAÇÃO DE PÚBLICOS: o caso
dos coletivos urbanos do Distrito Federal**

A Comissão Examinadora, abaixo identificada, aprova o Trabalho de Conclusão
do Curso de Gestão de Políticas Públicas da Universidade de Brasília do (a)
aluno (a)

Carlos Eduardo Alves da Silva

Doutora, Rosana de Freitas Boullosa

Professora Orientadora

Doutora, Doriana Daroit

Professora-Examinadora

Mestra, Renata Callaça

Professora-Examinadora

Brasília, 01 de Dezembro de 2017

Dedico a presente monografia aos meus pais, que tanto apoiaram e incentivaram toda a minha vida acadêmica e profissional.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais e a toda minha família pelo constante apoio e incentivo a estudar sempre mais, e que nunca mediram esforços para que eu chegasse até aqui, pelo contrário, sempre buscaram tornar minha caminhada acadêmica mais proveitosa possível.

À minha Orientadora, Dr^a Rosana de Freitas Boullosa, que tão prestativamente aceitou me orientar nessa jornada de pesquisa e que sem sua excelente orientação jamais seria possível a realização deste trabalho.

Agradeço aos meus queridos amigos e amigas que não irei citar nomes para não falhar com ninguém, mas saibam que vocês foram de fundamental importância na minha vida, obrigado por se manterem presentes tanto nos momentos bons como nos ruins, jamais me esquecerei de vocês.

Aos meus amigos e colegas de trabalho da Escola Nacional de Administração Pública – Enap, que tanto me ensinaram, me compreenderam e me apoiaram em todo o processo de criação do presente trabalho e da minha vida profissional.

Agradeço também todos os participantes dos Coletivos Urbanos entrevistados que me receberam de braços abertos em seus grupos e me ajudaram de forma fundamental na realização desta pesquisa. Desejo a vocês todas as realizações pessoais almejadas.

À Universidade de Brasília (UnB) pela oportunidade de crescimento intelectual e pessoal, fazendo desta etapa da minha vida uma rica experiência.

“Memento Vivere.”

RESUMO

Este trabalho problematiza as dinâmicas de formação de novos públicos que nascem em contextos das novas mídias sociais e se inserem dentro de conjunto de tematizações que podem ser definidas como urbana, pois voltadas para a cidade. Estes novos públicos se autodenominam como coletivos, eventos, movimentos ou outras nomenclaturas menos usuais e são construídos a partir de interesses comuns e buscam se articular não apenas com o governo, mas também com a sociedade. As tematizações podem ser também entendidas como problemas que se inserem na agenda pública, ainda que em diferentes graus. Para este trabalho, tais problemas foram interpretados à luz dos conceitos de problemas públicos, segundo a literatura proposta por John Dewey. Além disso, mesmo considerando a origem pragmática deste autor, este trabalho também se insere dentro de uma tradição chamada de pós-positivista, apresentada nos trabalhos centrais de Frank Fischer. A confluência destes estudos teóricos, deu-se no campo empírico formado por um conjunto definido de coletivos urbanos em Brasília, cujo principal instrumento de pesquisa foram entrevistas semi-estruturadas com os participantes de Coletivos Urbanos do Distrito Federal. As dinâmicas de formação desses Coletivos no Distrito Federal foram analisadas segundo as seguintes categorias: o “processo de construção; o formato assumido; os dinâmicas de ativação; os processos de comunicação e suas tematizações. Como conclusão, percebeu-se que podemos estar diante de dinâmicas que de fato se apresentam como novidades para os já conhecidos “processos de publicização” (particularmente aqueles que chamamos dos movimentos sociais mais claros). Assim, se de um lado, temos uma diversidade de motivações e de formas adquirida; temos muita proximidade entre os formatos de articulação e mecanismos internos de gestão do grupo (predominantemente menos hierarquizada e centralizada), bem como de permissividade para diferentes graus de continuidade e de intensidade da adesão e, particularmente, da rede de afetos que os caracteriza.

Palavras-chave: Coletivos Urbanos; Movimentos Sociais; Pós-Positivismo.

ABSTRACT

This work problematizes the dynamics of the formation of new publics that are born in contexts of the new social media and are inserted within a set of thetizations that can be defined as urban, since they are directed toward the city. These new publics call themselves collectives, events, movements or other less usual nomenclatures and are built from common interests and seek to articulate not only with the government but also with society. The thetizations can also be understood as problems that are inserted in the public agenda, although in different degrees. For this work, such problems were interpreted in the light of the concepts of “public problems”, according to the literature proposed by John Dewey. Moreover, even considering the pragmatic origin of this author, this work also falls within a tradition called post-positivist, presented in the central works of Frank Fischer. The confluence of these theoretical studies took place in the empirical field formed by a definite set of urban collectives in Brasília, whose main research instrument was semi-structured interviews with the participants of Urban Collectives of the Federal District. The dynamics of formation of these Collectives in the Federal District were analyzed according to the following categories: the construction process; the assumed format; the dynamics of activation; the communication processes and their thetizations. As a conclusion, it has been realized that we can be faced with dynamics that actually present themselves as innovations for the already known “processes of publicization” (particularly those that we call the clearest social movements). Thus, if on the one hand, we have a diversity of motivations and forms acquired; we have a lot of closeness between articulation formats and internal group management mechanisms (predominantly less hierarchical and centralized), as well as permissiveness for different degrees of continuity and intensity of adherence, and particularly the network of affections that characterizes them.

Key-Words: Urban Collectives; Social Movements; Post-Positivist.

Lista de Quadros

Quadro 1 – Apresentação dos meios de pesquisa utilizados.

Quadro 2 – Lista dos Coletivos mapeados.

Lista de Abreviaturas e Siglas

CMP - Central dos Movimentos Populares

DF - Distrito Federal

MG - Minas Gerais

MST - Movimento dos Sem Terra

MSU - Movimentos Sociais Urbanos

ONG - Organização Não Governamental

RA - Região Administrativa

SCS - Setor Comercial Sul

TMP - Teoria da Mobilização Política

TMR - Teoria da Mobilização de Recursos

TNMS - Teoria dos Novos Movimentos Sociais

TPP - Teoria do Processo Político

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 POSICIONAMENTO TEÓRICO	17
1.1 PROBLEMATIZANDO A LITERATURA SOBRE MOVIMENTOS SOCIAIS	19
1.2 PROBLEMATIZANDO A NOÇÃO DE PÚBLICO	23
1.3 TEMÁTICA URBANA	25
1.4 ESPECIFICIDADES DOS PROBLEMAS PÚBLICOS DO DF	26
2 OBJETIVOS	27
2.1 OBJETIVO GERAL	25
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	25
3 MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA	27
3.1 O PÓS-POSITIVISMO E SUAS IMPLICAÇÕES	25
3.2 NATUREZA DA PESQUISA	25
3.3 DESCRIÇÃO DO CAMPO	25
3.4 CARACTERIZAÇÃO DOS INSTRUMENTOS	32
3.5 COLETIVOS URBANOS DO DISTRITO FEDERAL	25
4 RESULTADOS DO MAPEAMENTO, CLASSIFICAÇÃO E ANÁLISE	34
4.1 RESULTADOS DO MAPEAMENTO	35
4.2 CLASSIFICANDO POR TEMATIZAÇÃO	40
4.3 RESULTADOS DA ANÁLISE	42
4.3.1 Processo de Construção dos Coletivos	43
4.3.2 Formato dos Coletivos	44
4.3.3 Dinâmicas de ativação da vida dos Coletivos	46
4.3.4 Formatos e Processos de Comunicação dos Coletivos	46
4.3.5 Principais Tematizações	49
4.3.6 Relações entre Coletivos	50
4.3.7 Tematização dos Coletivos	51
4.3.8 Sistema de Liderança	51
4.3.9 Tipos de Presença dos Coletivos	52
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
REFERÊNCIAS	57

APÊNDICES	59
APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA	59
APÊNDICE B – ENTREVISTA - URBANISTAS POR BRASÍLIA	60
APÊNDICE C – ENTREVISTA - COLETIVO CALUNGA	62
APÊNDICE D – ENTREVISTA - CASA MONSTRO	65
APÊNDICE E – ENTREVISTA - COLETIVO POÉTICO ASSUM PRETO	68

INTRODUÇÃO

Os movimentos sociais dos anos 70 e 80 consolidaram novos modos de organização e representação da sociedade e de seus grupos, particularmente nas grandes cidades, em um contexto que parecia caminhar para o declínio de organizações formais, dando espaço para instituições que se caracterizavam pela sua forma de agir mais descentralizada e menos hierarquizada, que buscavam entre outros pontos, serem mais do que representantes políticos das pessoas e entidades civis, buscavam também uma formação de agenda mais participativa e democrática com o poder público.

Esse novo fenômeno, de massas urbanas organizadas em torno a problemas públicos, se deu em um contexto de crescente urbanização, ou de hiperurbanização, que caracterizou a segunda metade do século XX, especialmente nos chamados países em via de desenvolvimento, como é o caso do Brasil.

Foi de forma bastante tímida que as primeiras formas de ações coletivas com um perfil reivindicativo começaram a surgir, ainda no início do século XX, como por exemplo, os movimentos puxados pelos camponeses e indígenas (SCHERER-WARREN, 2008, p. 505). Já em meados do século XX, as organizações que compunham a sociedade da época e os movimentos sociais perceberam que para obterem mais espaço numa espécie de exercício do controle social através da cidadania e de uma política que favorecesse a democracia seria importante valorizar a ideia de grupos sociais arquitetados institucionalmente, como por exemplo, os fóruns, e os conselhos.

De fato, do ponto de vista do estudo de tal fenômeno, da perspectiva marxista emergiu a chamada “questão urbana”, na qual as contradições do capital versus trabalho deram a tônica dos principais estudos críticos sobre este tema, orientando grande parte dos trabalhos acadêmicos de então. Planejamento excludente, segregação sócio espacial e marginalidade urbana rapidamente passaram a competir como temas de pesquisa ao lado dos temas mais clássicos como relação campo-cidade, escassez de moradia, dentre outros.

Estas novas abordagens começam em grande parte pela absorção da temática urbana por parte de outras disciplinas, criando saberes disciplinares e interdisciplinares que vão caminhando ao passo que a complexidade social urbana

crece. Estes estudos podem ser classificados em diferentes modos, mas aqui, para este trabalho, faremos uma classificação em grandes linhas, a fins meramente analíticos. Nesta perspectiva, observamos que podemos encontrar duas grandes linhas que problematizam o urbano; de um lado, estudos que assumem a centralidade do governo no enfrentamento de suas principais questões; de outro, em número muito menor, estudos que assumem a centralidade da sociedade no tratamento de suas próprias questões, ou seja, estudos estado-cêntricos de um lado; e sócio-cêntricos de outro. E é justamente neste segundo grupo que este trabalho se alinha.

O estudo do enfrentamento dos problemas públicos pelo próprio público ganhou força, dentre outros movimentos, com a sociologia dos problemas públicos, de matriz pragmatista, sob forte influência do pensamento do filósofo John Dewey. O autor associou o processo de construção de problemas públicos ao processo de construção do público para tais problemas, como dois processos que se retroalimentariam.

Quando analisamos os estudos a respeito desse tema percebemos que os mesmos vêm sendo negligenciados, ou seja, a presença de coletivos e ações sociais estão sendo tratados de forma que pareça natural seu surgimento e sua estruturação, esquecendo-se completamente das particularidades e problematizações que as compõem.

Assim, um campo de trabalho fértil se abriria ao aplicarmos a teoria dos problemas públicos de Dewey aos chamados problemas públicos. Dito em curtas palavras, equivaleria assumir que problemas públicos urbanos se constroem na medida em que públicos urbanos são construídos para tais problemas. Por um lado, poderíamos estudar novos problemas sendo construídos, como fez uma parte da escola de Chicago; mas, por outro, novos públicos sendo construídos. E, mais uma vez, é este segundo caminho o que assumimos neste trabalho.

Para fazer isto, nos apoiamos teoricamente em parte da literatura pragmática de origem francesa, que assume o processo de construção de públicos com maior ênfase, ou seja, de publicização, do que o processo de construção de problemas; e, assumimos como objeto deste objeto de pesquisa (ou seja, como meta-objeto), públicos novos, em processo de construção. Estes novos públicos são aqui

apresentados como coletivos de pessoas urbanas que se articulam em rede em torno de problemas pelos quais, em diferentes modos, se sentem mobilizados.

Com isto, ao assumir os coletivos urbanos como uma espécie de laboratório de investigação, esta pesquisa propõe investigar as dinâmicas de publicização que levam a essa construção de novos públicos, distinguindo-os dos formatos mais antigos de público.

Coletivo urbano consiste em uma categoria de análise que ainda está em construção. Trata-se de um fenômeno muito novo, possibilitado pela difusão das redes sociais, particularmente do Facebook, que alguns autores preferem enquadrar em uma categoria ainda mais genérica chamada de “novos movimentos sociais”. Independente, porém, dos problemas de classificação, estes *novos públicos* se constroem em dinâmicas próprias e fortemente relacionadas aos processos de construção de seus próprios problemas. Em outras palavras, significaria dizer que os coletivos urbanos se constroem modelados pelos problemas (urbanos) que os une, seguindo a linha *deweyana*. Mas como isto se daria? Em que medida esta modelação aconteceria? Particularmente em um contexto inicial de formação de públicos, como as relações com problemas urbanos, tão particulares em Brasília, poderiam influenciar em tais processos? Ou seria somente o *meio virtual* de sociabilidade de tais coletivos a modelá-los?

Diante desta contextualização teórica, a pergunta de pesquisa que este trabalho busca enfrentar é a seguinte: quais as dinâmicas de formação dos públicos coletivos urbanos que tematizam a questão urbana em Brasília? Para isto, utilizaremos estudos e pesquisas já realizadas sobre o tema problema público, formação de público e gestão urbana, além de uma pesquisa de campo com Coletivos urbanos do Distrito Federal.

Os resultados apontam que na maioria dos casos em que há uma formação de determinado público em volta de questões problemáticas e Brasília, ou seja, aqueles problemas que assumem um caráter de público, esse formação se dá em volta aos próprios problemas e, mais, se dá através deles, e não por uma formação espontânea dependente do Estado, porém, surgem após uma falha na regulação do Estado.

No que concerne à estrutura, este trabalho possui 04 partes, além desta introdutória. Na primeira parte abordaremos a fundamentação teórica que orientou

seja a construção da pergunta de pesquisa, seja a sua resolução ou desenvolvimento. Esta parte está subdividida, ainda, em 04 tópicos, a saber: (a) Conceito e os desafios de se estudar os movimentos sociais e os campos que o permeiam, partindo por uma perspectiva histórica; (b) A noção de público, explorando interpretações sobre o que seriam “novos públicos”, de publicização, mas também da problematização dos problemas e reconhecimento destes como um resultado de um processo de construção social interligados entre si, tendo como premissa os trabalhos de John Dewey, Daniel Cefaï e Rosana Baulosa; (c) A temática Urbana, com foco nos problemas e desafios enfrentados pelos grandes centros; (d) Especificidades dos problemas públicos encontrados em Brasília, suas dinâmicas, peculiaridades como capital do país, e seus problemas de gestão urbana e social, com vista à obter respostas para nossa pergunta de pesquisa.

Na segunda parte daremos destaque aos objetivos desta pesquisa, começando, porém, pela síntese da pergunta de pesquisa e das premissas valorativas assumidas com a fundamentação teórica, ressaltando a posição teórica que assume a vinculação entre os estudos das mobilizações sociais e a formação dos seus problemas de relevância pública e, por conseguinte, com seus meios de organização. Trazendo, como objetivo a ser obtido um maior conhecimento sobre a organização e construção dos Coletivos, entender seus ambientes e meios de se organizar, e discutir novas formas de organizações intersetoriais.

Para darmos prosseguimento à pesquisa, na terceira parte do trabalho iremos expor os métodos e as técnicas utilizadas ao longo da pesquisa para chegarmos aos resultados aqui apresentados. Também foi estruturada por sub tópicos, com destaque inicial para a contextualização do método na tradição pós-positivista (dentro do qual, desenvolvemos uma abordagem mais pós-pragmática). Em seguida, os demais tópicos versarão sobre a natureza da pesquisa, a descrição do campo empírico e os instrumentos utilizados. Por último, uma apresentação dos coletivos urbanos do Distrito Federal, mostrando sua área de atuação e especificidades. Ao todo, foram pesquisados 20 coletivos, dos quais 11 foram entrevistados.

A quarta parte do trabalho foi dedicada à análise cruzada do referencial teórico com o trabalho de campo, respondendo, de modo argumentado, à pergunta

de pesquisa apresentada na terceira parte. Esta última parte foi estruturada de acordo com os seguintes tópicos:

1. Olhar individual sobre os coletivos

- A. processo de construção dos coletivos;

- B. formatos dos coletivos;

- C. dinâmicas de ativação ou manutenção da vida do coletivo

- D. formatos e processos de comunicação dos coletivos;

- E. principais tematizações.

2. Relações entre coletivos

- A. Coletivos que se mobilizam mais pela problematização de determinados temas x coletivos que se mobilizam mais pela preservação de bens públicos.

- B. Coletivos com engajamentos contínuos ou preservado de líderes x coletivos com liderança rotativa.

- C. Coletivos com presença física (organizações perenes) x coletivos sem articulações físicas (organizações fluidas).

Por fim, uma última parte foi dedicada à conclusão deste trabalho, na qual é apresentada um panorama mais crítico do percurso de pesquisa vivenciado, com particular atenção às novas possibilidades de pesquisa surgidas.

1. POSICIONAMENTO TEÓRICO

Esta pesquisa se insere no âmbito do grupo de pesquisa Processos de Inovação e Aprendizagem em Políticas Públicas e Gestão Social, do qual eu faço parte desde julho de 2017. Trata-se de um grupo de estudos pós-positivista em políticas públicas, que assume como principais referências teóricas os trabalhos de autores do pragmatismo originário estadunidense, particularmente John Dewey e Willian James; da sua releitura francesa, particularmente com Daniel Cefaï e Bruno Latour; bem de autores que discutem o positivismo, sobretudo Frank Fischer e Rosana Baullosa. O objetivo principal deste grupo é o desenvolvimento de uma abordagem pós-pragmatista para o estudo das políticas públicas, com diferentes frentes de trabalho, a partir de uma nova compreensão dos conceitos de público, problema público e arena de significados. Uma destas frentes diz respeito às questões atinentes às dinâmicas de formação de públicos para problemas públicos,

no contexto de arenas de significados, e é justamente nela que avançamos nossa contribuição.

Por conta desses estudos, entendemos que nossa sociedade possui um alto nível de multipluralidade e essas diferenças transparecem no dia-a-dia dos cidadãos e é por conta dessa diversidade que os indivíduos precisam que suas mais diversas necessidades sejam supridas, sendo necessário, em muitas vezes, o uso de outras formas de organização e mobilização, como por exemplo, os sindicatos ou mais recentemente os Coletivos Urbanos. Dessa mesma forma somos levados a pensar a existência do público, e mais importante do que a existência dele, precisamos pensar em como esse público determina seu problema como um problema de relevância pública.

Para tal tomamos como crucial primeiramente analisar e problematizar a literatura dos movimentos sociais, que anteriormente foi sempre encarada de forma em que o Estado esteve no papel principal e os públicos se adaptando às suas consequências. Trabalhando em cima do conceito de público, assumimos ainda entre as referências principais os trabalhos de Daniel Cefaï, particularmente no que concerne aos processos de mobilização social e de arenas públicas, onde fazemos uma problematização da construção dos atores em cima dos problemas sociais.

Dando prosseguimento a esse tema, para entendermos a relação entre o público e problema precisamos primeiro identificar o que vem a ser o público, para isso partiremos da ideia de que as ações humanas têm consequências sobre os outros e que algumas dessas consequências não são só percebidas como também, a partir dessa percepção, elas levam a um esforço posterior para controlar, e até mesmo evitar, que essas ações gerem outras consequências.

No entanto, além destes compromissos teórico-epistemológicos, utilizaremos ainda uma bibliografia necessária para triangularmos os seguintes conceitos em nossa pesquisa: público (novos coletivos) x temática urbana x Brasília.

Ao analisarmos essas três áreas, partiremos da ideia de triangulação interpretativa onde um conceito está diretamente ligado à outro, fornecendo uma espécie de rede, ou seja, a concepção do público está ligada aos problemas que o envolve, problemas estes que são concebidos na esfera urbana de Brasília e seu processo de construção.

1.1 Problematizando a literatura sobre os movimentos sociais

A literatura mais clássica sobre movimentos sociais pode ser dividida em três grandes linhas: a teoria da mobilização de recursos (TMR); a teoria do processo político (TPP) e a teoria dos novos movimentos sociais. (TNMS).

A Teoria da Mobilização de Recursos (TMR) coloca como fonte principal de funcionamento do movimento social a obtenção de recursos, seja ele qual for (humano, financeiro, etc.), ou seja, o capital de recursos seria o maior propiciador destes movimentos, uma vez que eles vão ser moldados e ganhar ou perder força de acordo com a quantidade de recursos que possui, focando assim apenas na explicação do seu processo de formação e mobilização e ignorando os motivos que a ocasionavam e todas as questões emotivas e eventuais dos movimentos, como por exemplo, as interações entre eles.

Outra linha de pensamento é a Teoria do Processo Político (TPP) ou Teoria da Mobilização Política (TMP), que nasce como uma abordagem variante da TMR. Esta vai buscar ultrapassar o racionalismo e o forte viés estruturalista existente na TMR dando lugar à análises culturais e ideológicas na formação desses públicos. Dessa forma, essa linha de pesquisa possuía melhores adequações para entender a racionalidade por trás dos movimentos sociais, como por exemplo, o uso de elementos subjetivos de análise como as emoções e as crenças, mas também, uma resposta ao ambiente político.

Já a Teoria dos Novos Movimentos Sociais (TNMS) surge a partir de um desapontamento com as questões revolucionárias marxistas, sugerindo uma análise macro-histórica que, assim como a TPP, recusa a economia como uma explicação central e converge política com uma ideia de mudança cultural.

É importante, ainda, ressaltar a diferenciação de “movimentos sociais” para “movimentos sociais urbanos” - MSU's, pois apesar de tênue, há uma separação entre as abordagens, que neste caso trataremos com um olhar voltado para os MSU's.

Este segmento do movimento social, segundo afirma Silva (2002), surge na forma de processos das ações coletivas dos atores sociais, e possui sua base na junção das vivências dos populares que a compõem, como exemplo, o maior foco que é dado à sua área de moradia, as vivências de exclusão social pelos mais

diversos motivos e não apenas o econômico, e sua luta diária por melhoria nas suas condições de vida. Entretanto, cabe nos pensar aqui se os únicos modos de junção e organização desse movimento são estes citados acima, e mais, se estas formas de experiências das classes populares são realmente as responsáveis por essa estruturação.

Segundo a teoria clássica dos movimentos sociais, como reforça Souza (2004), os movimentos sociais seriam sinais que a sociedade demonstra para a própria sociedade que algo está errado na construção do Estado, e que esses sinais possuiriam o poder de provocar impactos não apenas nas estruturas vigentes como também em toda a conjuntura estabelecida, ou seja, em todas elas percebe-se a centralidade do Estado, uma perspectiva, portanto, totalmente estadocêntrica.

É necessário observarmos agora, a definição e a distinção entre o que viria ser o Estado neste contexto de público, para que lá na frente não sejamos “boicotados” com disfunções categóricas.

Tomando como base o pensamento *Deweyano*, assumimos este Estado como uma forma de organização do público, incluindo os governantes, através dos agentes públicos responsáveis pela manutenção dos direitos e deveres de todos os cidadãos, mas também a presença crucial de todos os demais indivíduos que o compõem.

O Estado formado pela associação do público com os seus agentes se torna, portanto, um experimento volátil, uma vez que os públicos que o compõem são sempre remodelados e readequados à atualidade, não havendo a possibilidade de termos o mesmo público no exato espaço ou período que o outro. Temos assim, a formação e manutenção de um Estado experimental, que precisa se basear nos erros e acertos das vontades e necessidades dos indivíduos, do que eles estão buscando para si, para então, trabalhar as vontades individuais e colocá-las num ambiente coletivo.

Mesmo quando buscando atualizar um pouco esta discussão, Gohn (2008) aponta que esta perspectiva é mantida, mesmo em dose menor. Segundo esta autora, é possível observar que geralmente encaramos esses movimentos também como ações sociais coletivas, de caráter sociopolítico e cultural, que tornam possíveis formas distintas da população se organizar e expressar suas demandas,

mas, como podemos perceber, o foco está sempre nas demandas como formadora do público para que o Estado caminhe na direção que desejam.

Estas três teorias citadas acima buscaram explicar também o desenrolar histórico das grandes manifestações que começam há eclodir nos anos sessenta em todo o mundo e, mais particularmente, no final dos anos 70 e início dos anos 80, em toda a América Latina, pois naquele momento havia movimentos sociais populares, voltados principalmente contra os regimes militares que atuavam na época. Neste sentido, a explicação para o ganho de força destes movimentos sociais era ligado a ideia de uma imposição de tematizações importantes na agenda política do país, agenda esta que até então era totalmente fechada.

Com a satisfação de algumas demandas mais consensuadas, como foi a redemocratização do estado brasileiro, da complexidade crescente das demandas da vida social, difusão da tecnologia e velocidade da transformação das relações de mundialização, os grandes e coesos movimentos sociais começam a perder fôlego. Mesmo assim, os anos por sua vez 90 foram marcados pelo surgimento de movimentos sociais mais institucionalizados, uma prova disso foi a criação da CMP - Central dos Movimentos Populares que ocorreu em 1993 em Belo Horizonte – MG e contou com a presença de quase mil pessoas, cada uma mobilizada sua causa específica, como por exemplo, representantes das mulheres, negros, homossexuais, que vieram de todos os estados brasileiros. Devemos destacar também os movimentos organizados em 1990 por três categorias importantes do país: indígenas, funcionários públicos e os ecologistas, que tiveram diferentes ações, porém, cada uma com méritos inegáveis.

Cada um dos movimentos possuía uma reivindicação específica, no entanto, todos expressavam as contradições econômicas e sociais presentes na sociedade brasileira; contradições perversas aos trabalhadores no contexto do modo de produção capitalista. No final do século XX e início do século XXI, as análises sobre os movimentos sociais adquiriram influências das correntes francesa e italiana, lembrando Touraine e Melucci. Temas como cultura, identidade, ação coletiva e diversidade entraram no cenário analítico construído pelos estudiosos dos movimentos sociais (SOUZA, 2004, p.2).

Já no começo dos anos 2000, as manifestações perdem nova força, as Organizações não Governamentais começaram a ganhar cada vez mais espaço, tornando os movimentos sociais quase que um setor de apoio às ONG's. Com a

ascensão dessas organizações, seus trabalhos passam a ser mais voltados para um público com carência financeira, em situação de risco, crianças e adolescentes, deixando assim, de lado, o cunho político e reivindicativo dos movimentos, traduzindo-o em ações institucionalizadas e apáticas às transformações populares.

Contudo, não era muito levado em consideração o fato de que esses movimentos também ganharam força e se apresentavam como canais consistentes de construção de diálogo público, de consensos, e, claro, de problematizações. Pensados sob o ponto de vista *Deweyano*, dinâmica de formação de tais públicos reverberariam ou modelariam o processo de construção de suas pautas.

Esta lacuna se mostra ainda mais evidente quando buscamos utilizar as teorias dos movimentos sociais para explicar o que acontece hoje em nossa sociedade. Atualmente, nos deparamos com demandas completamente diferentes das citadas acima, e formas de organizações sociais bem distintas. Grande parte dos grupos sociais atualmente se organiza em torno de demandas muito mais pontuais e desarticuladas: discutir sobre intervenções necessárias nas cidades, seja por meio da arte, da música, da educação ou da ocupação de espaços ociosos, por exemplo. Há ainda grupos que buscam atrair o olhar dos cidadãos para os espaços públicos ociosos, para tornar cada vez mais palpável um ambiente aberto de fato ao público, com o objetivo de trazer mais lazer, cultura, segurança e educação, principalmente para aqueles que muitas vezes são esquecidos pelo governo (SOUZA e MANOLESCU, 2008), enquanto que outros simplesmente se articulam em torno de demandas muito amplas, como combate a corrupção.

Estes novos agrupamentos, muitos deles possibilitados pelas novas mídias sociais em rede, recebem inúmeras denominações, bem como exploram diferentes formatos. São Coletivos, eventos, movimentos, marchas, dentre outros, que aglomeram cidadãos em torno de uma. Entretanto, o nome “Coletivos” ou “Coletivos Urbanos” parecem ser aqueles que vêm mais se destacando dentre estas novas expressões.

Portanto, é necessário investigar este novo formato de experiência comum de cidadania, visto que o mesmo possui não apenas dimensões éticas próprias mas também estéticas completamente singulares, como por exemplo, sua forma de articular em conjunto com a sociedade e suas percepções de problemas, contando, assim, com um referencial que não é encontrado nas teorias clássicas por não caber

nos seus moldes de análise, sobretudo quando se fala a respeito dos primeiros movimentos de articulação, como é o objeto desta pesquisa.

1.2 Problematizando a noção de público

No estudo a respeito dos problemas sociais e a construção de seus atores, nos deparamos com três vertentes distintas, onde uma alega que sua presença se dá a partir de uma mobilização natural do ser, sem levar em consideração nenhuma problematização existente. Uma segunda que acredita haver uma vontade intrínseca de ação individual e coletivo aos seres humanos que os levam a agir de forma separada às suas relações sociais, e por fim, uma terceira que analisa o processo de construção dos atores como algo relacionado à elementos externos que ocasionam seu aparecimento, no caso, os problemas que posteriormente conquistarão relevância pública.

Este trabalho alinha-se com a proposição de John Dewey para quem os problemas públicos (e mesmo a noção de Estado) deriva da compreensão de que as ações humanas sempre produzem consequências e que tais consequências podem recair sobre as próprias pessoas que produziram as ações ou sobre outras que não estavam diretamente envolvidas em tal movimento. Todavia, quando uma conjunto de pessoas começa a achar que algumas dessas consequências podem lhes afetar negativamente a vida, ou de outras pessoas, começam a reagir com a clara intenção de regular tais ações, a fim de governar suas consequências, ou seja, em razão de evitar que algumas consequências surjam ou reapareçam. Dessa forma, não há como desassociar todas as transações privadas do seu caráter social, visto que suas consequências podem conter dimensões públicas.

Para entendermos a relação entre público e problemas públicos precisamos primeiro identificar o que vem a ser o público. Para isso partiremos da ideia de que muitas das ações humanas possuem consequências sobre pessoas que não aquelas diretamente envolvidas em tais ações e que algumas dessas consequências não são apenas percebidas como também geram uma reação. A partir dessa percepção, estas pessoas que estão indiretamente envolvidas na ação levam a um esforço posterior para controlar, e até mesmo evitar, que essas ações gerem outras consequências que podem vir a lhes afetar, seja em termos econômicos, seja em

termos sociais ou morais. Assim, podemos dizer, segundo Dewey, que não há público sem problema e vice-versa. A construção de públicos, portanto, está diretamente associada à construção de problemas (CEFAI, 2008, p. 16).

Voltando então ao que seria o público, podemos identificá-lo como sendo composto por todos os grupos e indivíduos que serão afetados direta ou indiretamente por consequências de ações privadas e coletivas até atingir tal ponto em que seja necessária a intervenção daqueles indivíduos que afetados por tais atos, temos então o surgimento dos atores que serão responsáveis por proteger e manter funcionando direitos e deveres dos cidadãos dentro do Estado. Sendo assim, o público se enquadra, mesmo que singelamente, com as formas de um governo, pois busca se fundar como estruturado assim como uma organização política, o que a define como “um estado político” (DEWEY, 1927, p. 20).

Sendo assim, o público se organiza na mobilização e/ou junção dos atores que se percebem como afetados pelas consequências diretas, mas, sobretudo, indiretas, das transações privadas entre os indivíduos e grupos sociais. Dessa forma, do ponto de vista do significado, estas transações são entendidas como públicas, a partir do momento em que se considera necessário ter um determinado controle sobre as consequências dessas transações.

Percebemos, então, que diferente do entendimento de público como um ser a priori passivo às ações externas, como afirma Sierra (2003), entendemos que o público apenas assume esse caráter de público a partir do momento em que ele se reconhece como afetado pelas consequências indiretas de outros indivíduos e, então, se mobiliza, pois ele é formado justamente pelo conjunto de cidadãos que são indiretamente afetados pelas consequências das ações produzidas pela vida associativa¹. Por conseguinte, este mesmo público tenta descobrir os motivos dos efeitos negativos dessas ações, ou seja, ele tenta interpretar o problema de acordo com sua visão de mundo, experiências e perspectivas, porém, os primeiros processos de construção de público se dão, provavelmente, por meio do reconhecimento de atores que, ainda dispersos, sentem um impulso público de ação coletiva.

¹ A concepção de vida associativa está ligada a uma forma de instrumento de exercício da sociabilidade. Por meio da qual você adquire seus conhecimentos, exercita a liderança e atua como agente transformador da sociedade (COELHO, 2010).

Os processos iniciais da formação do público ainda são uma lacuna no âmbito acadêmico, pouco se produz a respeito do tema, e a maioria das pesquisas que são produzidas possuem uma forte tendência à uma centralização do Estado e diminuição da sociedade.

Dessa forma, é fundamental o estudo desse campo com um olhar voltado primeiramente para o social, já que é por meio da forma de comunicação da sociedade e suas formas de mobilização que começamos a analisar os problemas públicos, uma vez que esse grupo procura traduzir o problema como uma questão do público, tentando assim chamar a atenção e envolver toda a comunidade política. Nesse ponto, mais uma vez nos deparamos com Dewey que vai afirmar que o problema fundamental do público consiste justamente em se descobrir e se identificar.

Dewey não negligencia a importância da experiência de participação fornecida pelas oportunidades de acesso e de mobilidade nas instituições e serviços, mas aponta para a necessidade de se investigar (e projetar, de certa forma) este reconhecimento do público de si mesmo como mais importante do que “fazê-lo” caminhar em uma direção pré-construída, como seriam os canais de comunicação e participação já instituídos. Além disso, de acordo com sua abordagem, o real problema não é o de fazer com que os cidadãos compartilhem de um mesmo pensamento, mas o de fazer com que haja coerência nos modos de agir, e é nesse exato ponto que iremos trabalhar ao longo do trabalho. Este ponto de partida é radicalmente diferente da encontrada na literatura nova, mas também naquela clássica, sobre movimentos sociais, muito embora ambas tenham contribuído para a discussão sobre agrupamentos sociais, no senso lato do termo.

1.3 Sobre temática urbana

Os chamados coletivos urbanos aparecem neste cenário para questionar as condições em que se encontram as áreas urbanas através de manifestações e apropriações de caráter artístico, político e urbanístico (HORI, 2017).

É impossível desassociar a vida pública construída num cenário urbano dos problemas que, em determinado momento, assumem um caráter público. Percebemos, portanto, a necessidade de representatividade e ação por parte dos

indivíduos nessas questões temáticas que por muito tempo estiveram centralizadas em campos com pouco ou nenhum acesso à sociedade em geral, e que agora vem sendo reapropriado pela mesma, e é neste momento, que surgem os Coletivos Urbanos para tratar de diversos problemas sociais.

Sendo assim, tomando como escopo deste trabalho os Coletivos que versem sobre as questões urbanas, visto que, de certa forma, a maioria dos problemas enfrentados atualmente, possuem origem ou delimitam fortemente com problemas que perpassam transversalmente no âmbito urbano, percebemos que historicamente os grupos e os movimentos sociais que trabalhavam em cima de questões urbanas, buscavam sempre seus objetivos em um contexto micro, voltados apenas para seu espaço físico imediato, deixando de lado, por muitas vezes, questões de acesso à cidade como um todo e suas proposições, como por exemplo, questões de acesso negadas socialmente.

Neste contexto, começam a surgir Coletivos que buscam, além de respostas e soluções para seus problemas regionais, perceber a necessidade de apropriação de espaços negados historicamente, e grupos que dialogam, ainda, com as questões de vivências e experiências do próprio espaço urbano.

1.4 Especificidades dos Problemas Públicos do DF

Nossa pergunta norteadora vai abordar a formação dos públicos, mais especificamente dos coletivos urbanos do Distrito Federal, partindo do pressuposto da construção dos públicos a partir de seus relacionamentos com os problemas que surgem na sociedade, analisamos que as ações humanas são intrinsecamente ligadas ao aparecimento desses problemas que conseqüentemente afetarão a vida das outras pessoas, o que irá gerar uma reação por parte dos indivíduos afetados por tais atos, e gerando, por fim, a formação do público.

Portanto, as transações que tomarão caráter público começam a ser entendidas como públicas a partir do momento em que se enxerga a necessidade de controlar os resultados dessas ações, o acaba por gerar uma mobilização dos atores que entendem como prejudicial àqueles resultados através de suas vivências e experiências, o que é muito subjetivo e particular, e então seu reconhecimento e seu impulso de ação coletiva irá guiá-los para uma formação até então embrionária.

Um dos meios que observamos ultimamente como sendo de maior utilização para toda essa movimentação, reconhecimento, junção e ação dos indivíduos está no uso das redes sociais, e mais especificamente do Facebook. Como observado na maioria dos casos de formação destes Coletivos, a rede social foi uma enorme aliada ao processo de reconhecimento de público em torno de um determinado problema, ou seja, foi através das redes sociais que esses indivíduos começaram a perceber que suas percepções não eram únicas e a necessidade de um formato de gestão que fosse alinhar os pensamentos e experiências de cada um para uma mobilização coletiva.

Em Brasília, por ser âmbito de análise deste trabalho, observamos a presença de uma construção e mobilização fortemente influenciada pelas redes sociais, uma vez que é constatada uma movimentação descentralizada das ações visto que as regiões administrativas possuem poucas ações presenciais conjuntas entre si, o que favorece um enfraquecimento de ações coletivas com vista à um mesmo objetivo, o que pode ser explicado também pelo fraco olhar dos atores políticos para as questões de caráter urbano, como por exemplo, à acessibilidade entre regiões vizinhas.

2. OBJETIVO

2.1 Objetivo Geral do Trabalho

Este trabalho busca problematizar novas dinâmicas de formação de público no Distrito Federal, particularmente por meio de mídias sociais, para os problemas urbanos, a partir do modelo teórico proposto por John Dewey que correlaciona os processos de publicização (construção de públicos) e problematização (construção de problemas públicos).

2.2 Objetivos Específicos

O presente trabalho busca discutir e analisar, no âmbito da publicização dos movimentos sociais, como esses novos públicos, chamados Coletivos Urbanos, se organizam e se constroem dentro do Distrito Federal.

Seus objetivos específicos são:

- Problematizar o modelo teórico proposto por John Dewey (problematização x publicização);

- Discutir os conceitos de problemas públicos, movimentos sociais e formação de públicos;
- Salientar as características e os formatos de participação dos Coletivos Urbanos do DF com o governo e analisar a sua ligação e seus impactos na sociedade em que estão inseridos;
- Mapear os Coletivos Urbanos em atuação no Distrito Federal, com uma amostragem que abrange diversas Regiões Administrativas, e não apenas os Coletivos de Brasília, na principal mídia social;
- Propor uma classificação dos resultados obtidos com o mapeamento;
- Propor uma modelagem das novas dinâmicas de publicização e discutir novas formas de organização particulares e intersetoriais entre os Coletivos do DF.

3. MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA

Esta pesquisa pretendeu-se alinhar à tradição pós-positivista de construção de ciência, e mais particularmente a uma nova perspectiva do pragmatismo desenvolvido mais fortemente na França. Do ponto de vista do método, optamos por, primeiro, situar o que é o Pós-Positivismo, em seguida, em suas implicações, para só então apresentarmos o caminho percorrido para responder à pergunta de pesquisa e alcançar os objetivos, tanto geral como específicos.

3.1 O Pós-Positivismo e suas implicações

Primeiramente é necessário esclarecer que o Pós-positivismo nasce não como uma contradição ao Positivismo, mas como uma crítica e um aperfeiçoamento do mesmo, acreditando que o conhecimento secular é obtido em hipóteses e experimentações, não ficando apenas a cargo da metafísica. Por conta dessa multiplicidade de temas e causas problemáticas que a mesma apresenta uma ideia de realidade existente, porém, com um nível de entendimento que jamais poderá ser totalmente compreendido, ficando a cargo, portanto, do tamanho da acessibilidade que os limites que a formação sociocultural lhe proporciona.

Com o estudo do pós-positivismo podemos perceber que as práticas da ciência moderna estão fortemente enraizadas em questões sociais vigentes à época,

como por exemplo, o vínculo intrínseco que o positivismo possui com a questão das guerras religiosas dos séculos XV e XVI, e como elas acabaram com as bases da certeza (FISCHER, 2016, p. 166).

Como o objetivo dessa área de estudo não é rejeitar toda e qualquer produção científica e sim ressignificar e fazer entender a importância e a necessidade de compreender o que estamos analisando, como por exemplo, o estudo de formação de públicos, é possível conceituá-la como um campo que reconhece a realidade como uma construção social com foco na essência e origem da situação analisada como forma de compreendê-la.

Portanto, o objetivo do Pós-Positivismo é afirmar que há uma necessidade de entender corretamente o que é feito quando nos envolvemos em alguma determinada forma de pesquisa e que essa investigação científica só será realizada através de métodos (científicos) e através dos aspectos sociais que envolvem o pesquisador, gerando assim, um resultado calcado não apenas nos resultados empíricos obtidos, mas também nas externalidades que envolveram a pesquisa e seus resultados.

O pós-positivismo compreende, assim, a tentativa de reconstruir as formas de agir e pensar no momento em que a pesquisa está sendo feita, entendendo a realidade de uma construção social, o enfoque da questão passa a ser as condicionalidades em voga no momento dessa construção, o que torna essa reconstrução temporalmente limitada em relação ao conhecimento (BROWN, 1977; STOCKMAN, 1983, apud FISCHER, 2016, p. 170).

Além disto, ainda temos o Pragmatismo como referencial, ou seja, a não existência de uma verdade absoluta, e tomando por orientação que as ações efetivas possuem sua orientação e consequências através de uma relação de vivência prática, onde relacionamos, ainda, nossa linha de raciocínio em um caminho similar ao produzido pelas ciências duras, desse modo, não há sentido em basearmos nossa pesquisa senão em uma observação das experiências feitas e da revisão bibliográfica.

Quando assumimos a relação entre o pós-positivismo e o pragmatismo, assumimos também algumas implicações de pesquisa. A primeira delas diz respeito ao modo como acreditamos que é possível fazer ciência: com subjetividade, admitindo a não universalidade da verdade, assumindo a racionalidade não linear, a

razão prática, as lógicas informais, a dimensão ética e estética na produção de conhecimento e, sobretudo, a argumentação e o argumento, que também é conhecido como “narrativa”, como materiais de pesquisa tão importantes quanto os quantitativos ou classicamente qualitativos.

A utilização destas formas de estudos é interessante também para nos ajudar a entender a abertura do conhecimento e análise para a comunidade não científica, como por exemplo, os grupos sociais, que conseguem analisar e realizar julgamentos calcados em outra forma de racionalidade sobre uma determinada questão que até então era tratada como restrita aos grupos científicos.

3.2 Natureza da Pesquisa

Apesar da imprecisão conceitual a respeito do tema, partimos da ideia de que movimentos sociais são formas de grupos específicos se organizarem e manifestarem em relação aos mais variados temas, e não apenas como uma forma de se opor às decisões do Estado, mas também como um meio para que esse público consiga se opor às mazelas que a falta de uma distribuição e gestão dos recursos pode trazer para todo o corpo social.

3.3 Descrição do Campo

Tomamos por premissa que gestão urbana engloba todo processo de planejamento, intervenção, regulação e mediação dos conflitos de interesses dos mais diversos atores sociais e que se torna fundamental para a construção do espaço urbano (SOUZA, 2003, p. 25). Dessa forma, podemos perceber duas coisas em Brasília, a primeira seria que, apesar de nova, por ser a capital do país Brasília possui um grande espaço de atores sociais distintos que buscam ser representados politicamente pelo/no Estado, e a segunda observação seria os problemas políticos e de gestão que vem se instaurando na capital ao longo dos anos.

Um dos pontos centrais para entendermos as afirmações acima pode ser facilmente compreendido quando observamos os problemas recorrentes no Distrito Federal. Podemos começar com o problema de saúde pública, onde um relatório de quase mil páginas do Ministério Público do Distrito Federal a respeito dos hospitais

da rede pública constatou diversas irregularidades em toda a rede, como por exemplo, imprevisto, a não utilização de máquinas e a falta de gestão nos hospitais, entre outros. Este que por si só já é um tema bastante complexo de se tratar, mas em Brasília, especificamente, o problema se agrava com diversas variáveis, como por exemplo, o aumento populacional, o alto custo operacional e de recursos humanos e o recebimento de pacientes advindos de diversos espaços, já que em suas cidades estes moradores não possuem hospitais e postos médicos funcionando adequadamente. Este último ponto, nos leva para outro fator que advém da baixa qualidade de gestão em Brasília, a elevada desigualdade econômica e social. Brasília cresceu de forma desordenada, o que além de gerar um dos maiores índices de desigualdade social do país, acabou por gerar também um aumento expressivo da violência, o que pode ter agravado ainda mais o quadro em questão.

A atuação dos cidadãos frente às mazelas da sociedade sempre foi fator de grande motivação tanto para os que dela participam como também para quem está observando e estudando. Não possuir muita familiaridade com o tema pesquisado foi um desafio e uma dádiva, visto que, a forte ligação entre o pesquisador e sua pesquisa pode acabar enviesando os resultados. Dessa forma, entrar em contato com uma nova realidade, que mesmo tão perto aparenta estar longe, se tornou um ganho para todos os envolvidos.

Ligado a este campo, não podemos desassociar o conceito de arenas públicas das ações dos atores frente aos problemas públicos, visto que, a arena se conecta justamente com a forma de participação e mobilização coletiva dos atores que participam de determinada situação.

Há uma deficiência no que tange a proximidade entre a academia e os mais diversos campos de atuação não só para Gestores, mas também em diversas outras áreas do conhecimento, e esse afastamento acaba por não propiciar aos discentes uma visão ampliada das formas como a sociedade tem caminhado e evoluído.

Por não conhecer presencialmente as novas formas de movimento social, como os Coletivos Urbanos, os últimos meses de pesquisa serviram para aprofundar mais os conhecimentos a respeito da sua forma de atuação, seus desafios, objetivos, e demais áreas.

Infelizmente o tempo despendido para a pesquisa em campo foi prejudicado, portanto, as ideias iniciais de pesquisar em campo cada um dos coletivos e apresentá-los como forma de experiência não pode ser realizada.

Por outro lado, o comparecimento em reuniões de articulação entre os Coletivos foi de enorme ganho e proveito, pois além dos encontros promoverem uma maior descentralização de coletivos, o que enriqueceu a amostra da pesquisa, neles também foi possível à absorção de dados que individualmente jamais seria possível, como por exemplo, a formação conjunta de agenda que será detalhada ao longo desta pesquisa.

Para a elaboração desse estudo sobre as novas dinâmicas de formação de público foram utilizados estudos empíricos a respeito do tema, se consolidando na forma de entrevistas com os responsáveis, os atuantes e os cidadãos beneficiados por esses movimentos, além de uma análise bibliográfica dos estudos já realizados a respeito da mobilidade e adaptação dos movimentos em relação à sua efetiva participação nos espaços em que estão inseridos.

Essa pesquisa possui, ainda, um caráter qualitativo e descritivo. Qualitativo por tentar explicar como um determinado fenômeno social se comporta em relação aos procedimentos e interações a qual é submetido diariamente. Por conseguinte, assume um caráter descritivo a partir do momento em que se analisa dados sobre as participações e interações dos Coletivos nas pautas em que se enquadram.

Neste contexto, foram mapeados 20 coletivos urbanos na área do Distrito Federal, para que conseguíssemos ter uma boa amostra representativa. Desse modo, somos levados a analisar empiricamente seu modo de trabalhar e agir em conjunto com a sociedade e seu diálogo com o governo, quando existente.

3.4 Caracterização dos instrumentos de pesquisa

Os instrumentos de pesquisa utilizados foram organizados de acordo com os objetivos específicos do trabalho (Quadro 1):

Quadro 1 - Apresentação dos meios de pesquisa utilizados

Objetivos	Instrumentos
-----------	--------------

<p>Problematizar o modelo teórico proposto por John Dewey (problematização x publicização)</p>	<p>Análise bibliográfica</p>
<p>Discutir os conceitos de problemas públicos, movimentos sociais e formação de públicos.</p>	<p>Análise bibliográfica</p> <p>Entrevistas</p>
<p>Salientar as características e os formatos de participação dos Coletivos Urbanos do DF.</p>	<p>Entrevistas</p> <p>Estudo de campo</p>
<p>Mapear os Coletivos Urbanos em atuação no Distrito Federal, com uma amostragem que abrange diversas Regiões Administrativas e não apenas os Coletivos de Brasília.</p>	<p>Estudo de campo</p>
<p>Analisar sua ligação e seus impactos na sociedade em que estão inseridos.</p>	<p>Análise bibliográfica</p>
<p>Propor uma classificação dos resultados obtidos com o mapeamento.</p>	<p>Análise documental</p>
<p>Propor e discutir novas formas de organização particulares e intersetoriais entre os Coletivos do DF</p>	<p>Análise bibliográfica</p> <p>Estudo de campo</p>

Fonte: elaboração própria.

De acordo com o Quadro 1, os instrumentos de pesquisa utilizados foram os seguintes:

A. Análise Bibliográfica: Esse referencial bibliográfico buscou trazer autores que tratam das questões sociais, como por exemplo, John Dewey e Daniel Cefaï, uma vez que este é o escopo da pesquisa e a mesma tenta dialogar com estes autores de forma impessoal.

B. Entrevistas: Foi escolhido o uso de entrevistas com os Coletivos como uma forma de obter maiores informações a respeito destes grupos, informações estas que não são repassadas através de seus sites e suas páginas na internet. O modelo de entrevista utilizado foi o semi-estruturado para conseguirmos delimitar nossas perguntas com vistas à obter respostas precisas para a análise, porém, sem restringir as respostas dos entrevistados, uma vez que o modelo semi-estruturado nos permite a obtenção de respostas mais particulares.

C. Técnicas de mapeamento pelo Facebook: Inicialmente foi utilizado o Facebook como uma ferramenta de localização destes grupos sociais, visto que, grande parte deles não possuem sites ou outras redes sociais para se comunicarem e interagirem com a sociedade senão através do Facebook. Entretanto, logo depois desse primeiro mapeamento, foi percebido que apenas a localização destes coletivos através das redes sociais não era eficaz e acabaria enviesando a pesquisa, visto que, vários grupos sequer possuíam página no Facebook. Dessa forma, foi feita uma segunda etapa de mapeamento, através dos próprios coletivos localizados e os eventos a respeito do tema.

D. Observação não participante. Durante a realização deste trabalho ocorreram dois eventos com objetivos parecidos, o “Fortalecimento do corre” e o “Mercado Sul Vive”, ambos contando com a presença de coletivos urbanos do Distrito Federal e que puderam nesses eventos compartilhar seus materiais produzidos, compartilhar experiências e, ainda, formar redes entre os próprios coletivos com o objetivo de se alcançar um maior apoio entre os mesmos.

4. RESULTADOS DO MAPEAMENTO, CLASSIFICAÇÃO E ANÁLISE

Nessa parte do trabalho trataremos dos resultados observados através do mapeamento desses coletivos e suas classificações. Após a obtenção desse resultado, foi feita uma análise para buscarmos entender as formações e as formas de articulação com a sociedade e o governo.

4.1 RESULTADOS DO MAPEAMENTO

Podemos citar entre os temas que estão em voga os movimentos em prol do meio ambiente, pauta que cerca de 10 anos atrás não era amplamente debatida, movimentos à respeito de mobilização urbana, movimentos artísticos, mobilização a respeito do direito, e demais Fóruns de mobilização social.

Foram mapeados 20 coletivos que atuam no Distrito Federal. Dentre estes, utilizaremos como escopo de análise 11 deles que atuam direta ou indiretamente nas na luta pelo acesso à cidade e aos espaços ociosos de suas RA's. Segundo a própria descrição dadas em seus site, são eles:

Coletivo 924	Coletivo Afetadas	Coletivo Ambidestro	Coletivo Calunga
Coletivo Casa Monstro	Coletivo Casa Frida Kahlo	Coletivo Columna	Coletivo da Cidade
Coletivo Dulcina Vive	Coletivo HUB das Pretas	Coletivo Labirinto	Coletivo Mayumi Lima
Coletivo Mercado Sul	Coletivo Nossa Brasília	Coletivo Palavra	Coletivo Poético Assum Preto
Coletivo Transverso	Coletivo Unicórnica	Levante Popular da Juventude	Urbanistas por Brasília

Fonte: elaboração própria.

1. Coletivo Transverso²:

O Coletivo Transverso foi criado em 2011 e visa proporcionar de forma gratuita um olhar poético ao cotidiano dos passantes por meio de intervenções no espaço público. O Coletivo é formado por artistas de áreas diversas, com o propósito de pesquisar, desenvolver e realizar intervenções urbanas utilizando técnicas de stencil, graffiti, sticker e performances.

O principal conceito norteador é o de ataque poético e propõe a reflexão sobre as possibilidades de utilização do espaço público a partir da arte urbana proporcionando a fruição artística gratuitamente aos transeuntes em seus caminhos rotineiros.

2. Coletivo Nossa Brasília³:

Já o Coletivo Nossa Brasília é um Movimento da sociedade civil, com uma gestão horizontal e cooperativa, que integra e põe em diálogo diferentes pessoas, iniciativas, redes, organizações e empresas que comungam de um mesmo propósito: um Distrito Federal sustentável, justo, democrático, e bom para se viver. É um espaço de participação política, mas sem vinculação com partidos e governos, a fim de possa exercer seu importante papel de observatório social de forma autônoma.

Os temas em destaque, escolhidos por demanda da sociedade, são: a Mobilidade Urbana, a Agricultura Urbana e a Gestão Sustentável de Resíduos Sólidos.

3. Urbanistas por Brasília⁴:

O grupo “Urbanistas por Brasília” não se vincula a entidades ou organizações políticas. É uma iniciativa espontânea de 140 Arquitetos e Urbanistas unidos em defesa do valioso patrimônio do Conjunto Urbanístico, Arquitetônico e Paisagístico de Brasília.

O grupo atua por meio da difusão de informações técnicas junto à população sobre temas sensíveis à cidade e busca promover uma gestão de Brasília mais responsável, respeitosa e condizente com a sua importância como Patrimônio Cultural da Humanidade.

² Disponível em: <http://coletivotransverso.blogspot.com.br/>

³ Disponível em: <http://www.movimentonossabrasilia.org.br/>

⁴ Disponível em: <https://urbanistasporbrasil.wordpress.com/>

4. Coletivo Labirinto⁵:

O Coletivo Labirinto atua nos espaços ociosos da capital, em suas regiões administrativas, e em espaços públicos desvalorizados, como por exemplo, o Setor Comercial Sul (SCS) que guarda em si as contradições de uma capital inventada. Ali, não há o apartheid, que normalmente divide a desigual metrópole em duas, distantes uma da outra. Dessa forma, eles atuam ocupando os becos, iluminando frestas escuras, promovendo arte, compartilhando cultura e momentos de integração e bem-estar.

5. Coletivo 924⁶:

O Coletivo 924 surge para reforçar na mente do público do DF que na R.A da Ceilândia há uma efervescência cultural e tenta desmistificar a ideia de que naquele lugar há apenas violência e pobreza, enaltecendo ainda o comércio que cada vez mais ganha força.

6. Coletivo Poético Assum Preto⁷:

Já o Coletivo Poético Assum Preto tem a intenção de disseminar a poesia, enquanto arma e suspiro cultural sob a forma de intervenções urbanas.

7. Coletivo Ambidestro⁸:

O Coletivo Ambidestro é formado por artistas locais, profissionais e empreendedores culturais, que trabalham há mais de 10 anos na área.

Enquanto coletivo, promove dois eventos contínuos em Brasília, o Encontro Brasiliense de Malabarismo e Circo, realizado semanalmente no Conic, e o Palco Aberto, que acontece mensalmente na Torre de TV.

As organizações dos projetos contam com a parceria de grupos de outras regiões do país e apoiadores locais.

8. Coletivo Casa Monstro⁹:

A Casa Monstro é um espaço de criação e interação autossustentável na Samambaia, preparado para receber eventos, exposições, oficinas, encontros e até sessões de cinema.

⁵ Disponível em: <https://www.facebook.com/colabirinto>

⁶ Disponível em: <https://www.facebook.com/coletivo924/>

⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/coletivoassum/>

⁸ Disponível em: <http://www.coletivoambidestro.org/>

⁹ Disponível em: <https://www.casamonstro.com.br/>

Para compor seu ambiente eles garimpam e reformam móveis encontrados nas ruas, confeccionam peças em madeira 100% reaproveitada e investem em artigos de família que dão aquele ar de casa moderna na fazenda. A ideia é instigar a curiosidade e fazer as pessoas pensarem sobre sustentabilidade e transformação.

9. Coletivo Calunga¹⁰:

Calunga, termo de referência a um grupo quilombola do interior do Goiás, é um coletivo de estudantes da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília cujo propósito é acolher e promover o empoderamento de estudantes negros e levantar a discussão racial dentro e fora da universidade.

Calunga é também um jargão da arquitetura, e isso remete às duas frentes pelas quais este coletivo pretende trabalhar: a do movimento negro e a de repensar a arquitetura e o urbanismo. Na verdade, entendemos essas duas dimensões como indissociáveis, uma vez que o urbanismo e a arquitetura tem sido um vetor de segregação. Tanto se segrega e tanto se cala, que aqui salta aos olhos a falta de movimentos com essa intenção.

10. Coletivo Mercado Sul¹¹:

Por acreditar que o direito de viver não deve estar submetido aos interesses da especulação imobiliária, que prefere os espaços fechados, decidimos ocupá-los e reabri-los com o propósito de recuperar mais um cantinho da cidade para a vida e convívio saudável e coletivo. O Estatuto da Cidade entende que a área ou construção urbana que não cumpre sua função social deve ser reordenada ao coletivo, ao bem comum da cidade.

O intuito deste Coletivo é preservar a história de Taguatinga (e consequentemente do DF) tanto em sua dimensão arquitetônica, quanto na escala humana, com as vidas vividas aqui e a cultura que aflora há décadas desse lugar.

Com esse movimento, pretendem dignificar a moradia e o trabalho das pessoas que residem no DF e não apenas no Plano Piloto, fortalecer as ações que já são realizadas, expandi-las e enraizá-las, assim como servir de meio e apoio para novas ações e iniciativas criando um centro de difusão e criação cultural de Taguatinga.

11. Levante Popular da Juventude¹²:

¹⁰ Disponível em: <https://www.facebook.com/coletivocalunga/>

¹¹ Disponível em: <http://www.mercadosul.org/>

O Levante Popular da Juventude é uma organização, de jovens militantes, voltada para a luta de massas em busca da transformação da sociedade.

O Levante atua junto aos movimentos da Via Campesina e movimentos urbanos como o Movimento dos Trabalhadores Desempregados (MTD), com a intenção de construir a organização popular em comunidades, vilas, escolas, assentamentos e acampamentos do Brasil.

Os demais coletivos mapeados foram:

O Coletivo da Cidade¹³ que é uma organização localizada na Cidade Estrutural (DF) que atua prioritariamente com o atendimento de crianças e adolescentes no contra turno escolar, oferecendo alternativas artísticas e educativas como meio de transformação social. Pensada e construída a partir do fortalecimento de vínculos no território em que atua, a organização também se caracteriza como um importante espaço de convivência comunitária e capacitação profissional para os moradores da cidade, articulando-se em rede com outros grupos e instituições parceiras.

O Coletivo Afetadas¹⁴ propõe a relacionar-se, deixar afetar, se sensibilizar, apoiar, mobilizar e se organizar. Sempre em prol das mulheres que, na peculiaridade de cada uma foram ou são, constantemente, vítimas de violência sexual, física, emocional, psicológica e simbólica.

O Coletivo Columna¹⁵, um recém-formado grupo de teatro de Brasília, contaminados pelo desejo de pesquisar o processo colaborativo e intercambiar suas pesquisas pessoais. O Grupo é composto de artistas multifacetários, onde, além do âmbito teatral, permeiam profissionais do cinema, da música e do design. A companhia tem como objetivo trabalhar com temas subjetivos através da linguagem do teatro performativo e assim expandir a pesquisa acerca: das linguagens do inconsciente, da música eletrônica, esoterismo teatral, etc.

O Coletivo Palavra¹⁶ é um coletivo de produção de Arte de Interface, com foco prioritário na web. Sua produção se estrutura a partir dos conceitos de: Multimídia, Hipertextos e Colaboração.

¹² Disponível em: <http://levante.org.br/>

¹³ Disponível em: <http://www.coletivodacidade.org/>

¹⁴ Disponível em: <https://www.facebook.com/coletivoafetadasunb/>

¹⁵ Disponível em: <https://www.facebook.com/coletivocolumna/>

¹⁶ Disponível em: <http://www.coletivopalavra.com.br/>

Seus objetivos são: Consolidar o Selo Coletivo Palavra e fidelizar um público que aprecie suas produções culturais; Tornar-se ponto de encontro virtual e físico de artistas interessados em Arte de Interface e de profissionais para o desenvolvimento de seus produtos culturais; Produzir eventos artísticos inovadores em sua linguagem aplicando o conceito de Arte de Interface também em ambientes físicos; entre outros.

Coletivo Mayumi Lima¹⁷ é o coletivo feminista da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília (FAU-UnB).

Coletivo Unicórnica¹⁸ que é um coletivo de arte, união de mentes e corpos empoderados socialmente, com intenções e produções artísticas em diferentes linguagens.

O Coletivo HUB das Pretas¹⁹ faz parte de uma iniciativa de diversas organizações não governamentais, e está ligado ao projeto "Mulheres negras fortalecidas na luta contra o racismo e o sexismo", por meio do qual será incentivada a formação de hubs de mulheres jovens negras em 04 cidades: Brasília, Recife, Rio de Janeiro e Recife. A ideia é ter espaços de articulação de coletivos e movimentos para irradiar informações, criações, soluções locais, cultura e posicionamentos frente à violação de direitos das mulheres jovens negras.

O Coletivo Casa Popular Frida Kahlo²⁰ é uma construção horizontal, popular e feminista do fazer cultural em São Sebastião que possibilita aos jovens e não jovens de São Sebastião a atuação na promoção do desenvolvimento cultural, estimulando as atividades voltadas para o incentivo à leitura, turismo regional, folclore e cultura popular. O trabalho com pesquisa e escrita de editais, a procura por parcerias governamentais e com as atividades nas comunidades vai conferir aos associados/as capacidades gerais de abstração, interpretação, análise, síntese, investigação, criação, além de identificar, planejar, resolver problemas e tomar decisões a partir das habilidades que desenvolverá nos projetos da Casa Frida.

¹⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/coletivomayumilima/>

¹⁸ Disponível em: <https://www.facebook.com/coletivounicornia/>

¹⁹ Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/679318112233001/>

²⁰ Disponível em: <https://www.facebook.com/casafridadf/>

Por fim, o Coletivo Dulcina Vive²¹ que nasceu do desejo coletivo de barrar a degradação de nossos espaços, por isso trabalhamos com novos modelos de relação, de trabalho e de sustentabilidade.

Entendem que é necessário o novo e por isso, atuam em rede e se organizam de forma colaborativa, trocando conhecimento, compartilhando desejos e reivindicações, tudo num fluxo de comunicação em tempo real.

Usando a criatividade como ferramenta de ocupação, esse Coletivo está construindo um espaço permanente de troca de ideias, ações e atividades culturais, para tornar o Centro Cultural Dulcina de Moraes cada vez mais livre, aberta e democrático.

4.2. CLASSIFICANDO POR TEMATIZAÇÃO

Esta classificação se trata de uma tematização primária indutiva, onde destaca-se os principais temas que estão sendo discutidos pelos Coletivos do Distrito Federal, onde foram identificados cinco tipos de temas: (1) Cidades, tematizações que abordem questões de intervenção na cidade e nos bairros em que estão inseridos. (2) Gênero, Coletivos que buscam trazer à tona o debate e o ensino de questão a respeito não apenas de gênero mas também sobre sexualidade. (3) Coletivos que produzem intervenções artísticas, direta ou indiretamente com a sociedade. (4) Educação, ou seja, Coletivos que trabalham com o ensino de crianças e adolescentes nas mais diversas áreas. (5) Saúde, grupos que abordam de alguma forma questões sobre saúde, principalmente sobre saúde feminina e infantil.

Quadro 2 - Lista dos Coletivos mapeados

Nome:	Tema:
1. Coletivo 924	Cidade
2. Coletivo Afetadas	Gênero

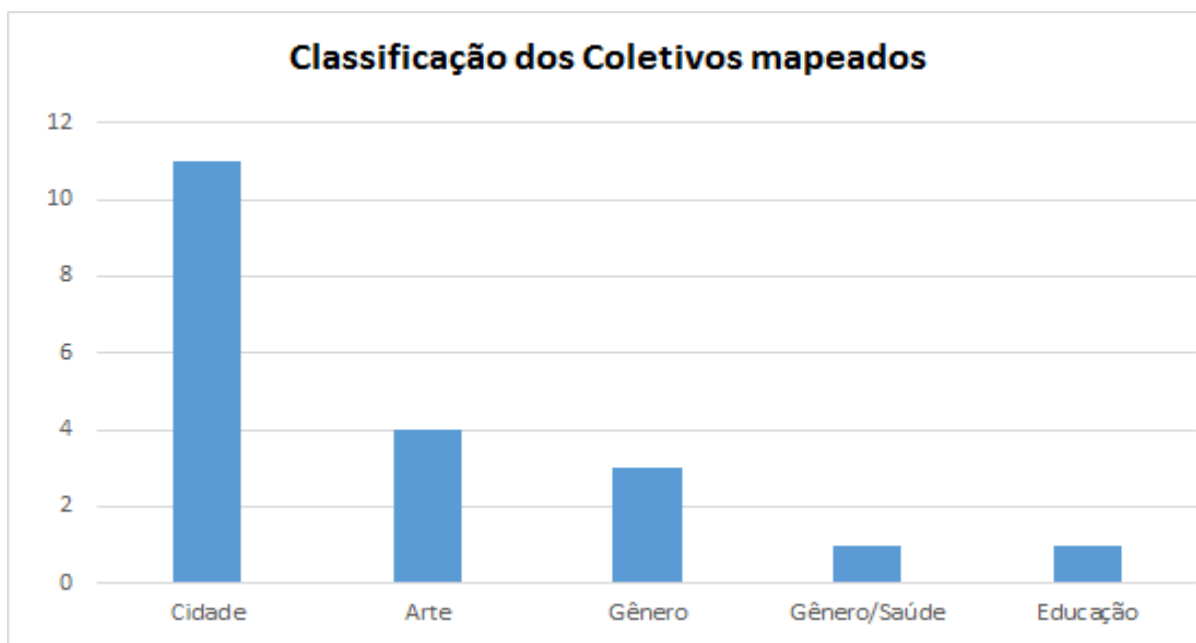
²¹ Disponível em: <https://www.facebook.com/dulcinavive/>

3. Coletivo Ambidestro	Artes
4. Coletivo Calunga	Cidade
5. Coletivo Casa Monstro	Cidade
6. Coletivo Casa Frida Kahlo	Gênero
7. Coletivo Columna	Cidade
8. Coletivo da Cidade	Educação
9. Coletivo Dulcina Vive	Arte
10. Coletivo HUB das Pretas	Gênero/Saúde
11. Coletivo Labirinto	Cidade
12. Coletivo Mayumi Lima	Gênero
13. Coletivo Mercado Sul	Cidade
14. Coletivo Nossa Brasília	Cidade
15. Coletivo Palavra	Arte
16. Coletivo Poético Assum Preto	Arte/Poético
17. Coletivo Transverso	Cidade
18. Coletivo Unicórnia	Arte
19. Levante Popular da Juventude	Cidade
20. Urbanistas por Brasília	Cidade

Fonte: elaboração própria.

O gráfico abaixo (Gráfico 1) representa quantitativamente as classificações destes Coletivos mapeados de acordo com sua tematização.

Gráfico 1 - Classificação quantitativa dos Coletivos mapeados



Fonte: elaboração própria.

4.3 Resultados da análise

A partir do mapeamento realizado, seguido das entrevistas e análises documentais realizadas, apresentamos os principais resultados construídos ao longo desta pesquisa. Antes de prosseguirmos é preciso levar em consideração que buscamos adotar um olhar mais específico sobre cada um dos exemplos tratados, ou seja, que respeite as peculiaridades de cada grupo, para depois adentrarmos nos estudos a respeito das suas semelhanças e características similares com os demais.

Além dessa primeira análise, devemos, ainda, utilizar da experiência como experimentação prática e como trocas interativas para estudar como essas dinâmicas foram fundadas a partir do olhar dos atores, visto que, nossos estudos são sempre um conjunto de cooperações intelectuais (CEFAI, 2009).

4.3.1 Processo inicial de Construção dos Coletivos

O processo mais inicial de publicização é aquele no qual algumas pessoas começam embrionariamente a se sentirem sujeitos de consequências comuns, quase sempre negativas, de ações realizadas por outras pessoas. De fato, segundo Dewey (1927), é impossível desassociar o estudo das dinâmicas de formação de público das questões cívicas e políticas, visto que, a dinâmica de mobilização coletiva possui origem justamente na percepção de questões problemáticas que surgem a partir de situações geradas nos meios institucionais da sociedade. Este mesmo autor, entretanto alertava para o fato de que frequentemente nos estudo sobre os processos de publicização, um erro muito comum é cometido que é a separação dos indivíduos em questão de suas opiniões, convicções cívicas, e, portanto, são tratados completamente como seres apáticos às externalidades sociais. Aqui procuraremos superar este erro.

Para isto, compreendemos que ação coletiva de qualquer público também está relacionado aos ambientes e os meios que este mesmo público utiliza para começar a se organizar e agir.

Nos casos dos coletivos urbanos do DF, percebemos que seus passos iniciais podem ser classificados de acordo com três grandes tipos:

A. **Coletivos inicialmente formados por resposta direta a uma ação ou decisão do governo.** Isto acontece quando uma decisão tomada estritamente no campo do governo possui impactos negativo na sociedade, seja de efeito imediato ou futuro. Um exemplo deste tipo pode ser encontrada na experiência dos Urbanistas de Brasília que a partir de um decisão governamental de realizar construções dentro de uma área verde de Brasília (901 norte), e ainda causando impactos em outras áreas além da preservação ambiental, como impactos negativos no trânsito e na qualidade de vida de todos.

B. **Coletivos inicialmente formados mediante uma reunião mais estruturada de amigos que compartilham um interesse comum, juntando, ao mesmo tempo, problematização de uma situação com uma ideia de resposta para tal problematização.** Podemos citar, como exemplo, o Coletivo Transverso que nasce de uma vontade intrínseca de indivíduos ligados apenas por suas vivências e pensamentos comuns, que se depararam com uma vontade de mudar a visão de algumas pessoas sobre a arte, principalmente a arte de rua, e que buscam

transmitir, repensar e socializar essas formas artísticas com a sociedade em geral, e não apenas em espaços de cunho elitista e de forma pouco acessível.

C. Coletivos que inicialmente são formados por uma insatisfação geral da sociedade e não com problematizações pontuais e locais. Este é o caso dos Coletivos Calunga, Nossa Brasília, Casa Monstro e outros, que se indignaram com situações de relevância social, e não apenas com efeitos em sua comunidade local. Vemos com esses Coletivos uma crítica ao mercado, às estruturas de educação que são oferecidas de forma desigual para a sociedade, o consumo excessivo, de exploração do trabalho e o preconceito enraizado, tentando, portanto, quebrar esses ciclos mesmo que apenas regionalmente e, ainda, como uma crítica às formas como as cidades são construídas de forma a preservar uma hierarquização de classes.

Este resultado de alguma forma reforça a compreensão pela associação da publicização com a problematização, mas, por outro, talvez sem ter recebido muita atenção de Dewey, pelo menos um conjunto (B) em que os passos iniciais estão mais ligados ao fazer do que ao tematizar os seus problemas. Esses grupos sociais encaminham seus trabalhos de modo em que a realização dessas ações, ações essas que não possuem um encadeamento de acordo com um cronograma fechado, se desenvolvam e acabem por serem efetivas em seus objetivos antes mesmo de serem catalogadas dentro de um determinado tema.

Sendo assim, estas observações podem nos ajudar a perceber o quão importante é a identificação da dinamicidade da formação desses grupos, e a pluralidade de meios que esses públicos têm encontrado para tratar de questões problemáticas para eles e para outras pessoas que sequer tomaram consciência disso ainda, uma vez que a demanda inicial desses coletivos, surge justamente através (e por causa de) desses problemas de relevância pública e que esses problemas são trabalhados por atores sociais que atuam geralmente apenas nos espaços desprivilegiados de ações governamentais.

4.3.2 Formato dos Coletivos

Os coletivos estudados se organizam internamente de modo diferente entre si e tal organização é fruto, mas ao mesmo tempo, modela o tipo de dinâmica que

possuem, uma vez que, sua forma de se organizar está diretamente ligada com o trabalho final que desejam repassar para a sociedade, onde um grupo que é menos classicamente estruturado repassa seu “produto final” de forma mais fluida e menos burocrática, enquanto coletivos que possuem estruturas internas que se assemelham àquelas de Fayol, tendem a analisar o trabalho final em vários níveis antes de repassá-lo para o público. Sendo assim, os coletivos possuem formas distintas de se organizar internamente e sua categorização se dá em três tipos de formatos, são eles:

A. **Coletivos Hierárquicos.** São coletivos que se estruturam de forma mais hierarquizada. Nota-se que há Coletivos que apesar da sua característica intrínseca de modernidade e de resposta imediatista à problemas públicos, se assemelham à modelos clássicos de organização, contando com uma separação dos papéis dos envolvidos dentro do coletivo de modo que o trabalho final antes de ser colocado na sociedade repasse pela mão de vários participantes do coletivo e que apenas seja executado após a autorização de uma determinada pessoa tida como uma espécie de líder dentro daquele grupo.

B. **Coletivos Horizontais.** Coletivos que apoiam uma organização interna horizontal. Estes Coletivos defendem uma formatação oposta ao modelo acima, criticam o formato triangular de organização e assumem um modelo horizontal de gestão, onde não há a presença de um líder e suas decisões finais são tomadas de forma democrática entre os participantes, porém seus deveres dentro do coletivo são delimitados desde sua criação, como por exemplo, aquela pessoa que ficará responsável apenas pelas questões de comunicação do grupo, porém possui participação e voz em todas as decisões que são tomadas dentro do coletivo.

C. **Coletivos Semi-Horizontais.** Estes Coletivos que são formados de forma horizontal, porém, os papéis dentro do grupo são delimitados e assumidos de acordo com o surgimento das demandas. Esta categoria de coletivo se assemelha aos Coletivos representados acima (B), entretanto, se diferencia na delimitação dos papéis dentro do mesmo, ou seja, à medida que os problemas são entendidos como de relevância para aquele grupo, os deveres de todos vão se adequando, então ao mesmo tempo em que um determinado indivíduo se responsabiliza por uma demanda x sobre um tema, ele pode também assumir a responsabilidade de uma

demanda y sobre outro tema, o que torna mais flexível abrir espaço para abarcar um número maior de temas.

Como uma subcategorização, de forma mais abrangente, percebe-se a presença de “cidadãos comuns” que não participam de fato dos coletivos, mas que possuem um papel fundamental para o mesmo, ou seja, aqueles indivíduos que assumem um papel de apoiador/divulgador ao registrarem os trabalhos feitos, e participarem das campanhas propostas pelos Coletivos, essas pessoas acabam por assumir um papel de reprodutor midiático do grupo dentro do seu campo de convivência, como por exemplo, o caso do Coletivo Transverso que realiza ações conjuntamente com pessoas que divulgam nas redes sociais seus trabalhos artísticos urbanos.

4.3.3 Dinâmicas de ativação da vida dos Coletivos

A utilização das redes sociais sem dúvidas é a maior fonte de alimentação dos Coletivos analisados, podemos perceber que sua atuação está ligada às suas formas de se comunicarem e de serem conhecidos. Nota-se, ainda, que boa parte desses coletivos não apenas usam das redes sociais para se articularem, mas também as usam como forma de desenvolver suas atividades.

A dinâmica de como o processo de construção das pautas é concebida é crucial para o entendimento desta pesquisa, pois há uma forte ligação entre os problemas que surgem na sociedade e que com o tempo adquirem caráter de público, com as demandas por parte dos indivíduos integrantes dos Coletivos que sobem essas pautas que até então não foram enquadradas como um problema público, sendo assim, dando início a mais um “ciclo do problema” dentro do Coletivo, onde vão buscar solucionar aquele problema e quando isso ocorrer já existirão novos problemas públicos a serem tratados.

4.3.4 Formatos e Processos de Comunicações dos Coletivos

Ao contrário do que diz Gohn (2014), é necessário, possível e importante encontrarmos eixos identitários entre os coletivos, tanto nas manifestações como nos coletivos que atuam diariamente, pois apesar de suas diferenças estruturais e

ideológicas, até mesmo internamente, são as semelhanças ocultas à primeira vista que irão reforçar os movimentos individuais.

Nesse caso, vê-se a necessidade da estruturação de uma rede entre os coletivos, porém, sem esquecermos a individualidade política e identitária de cada um dentro dos grupos, e a própria particularidade do grupo, que em conjunto com os demais tende a perder pontos de sua identidade para se adequar à nova realidade em que são inseridos.

Para trabalharmos essa ideia e chegarmos a uma solução, é necessária a prática do diálogo intercultural entre os coletivos, pois só através dessa comunicação e articulação, os grupos poderão refletir e chegar a um consenso no que diz respeito à construção de suas redes de referências normativas capacitantes. Nesse contexto, a Folha de São Paulo do dia 19 de junho de 2013, no auge dos conflitos em todo o país, contra os mais diversos males desta sociedade, observou que por conta da falta de interlocução entre os demandantes presentes naquelas manifestações dificultava o acesso e a comunicação com o poder público, o que ainda abria portas para discursos que não se ligavam às pautas e que possuíam, em sua maioria, a falta de um objetivo.

Conforme Scherer-Warren (2008, p. 508), citando Touraine (1994):

Uma sociedade democrática é uma sociedade que reconhece o outro, não na sua diferença, mas como sujeito, quer dizer, de modo a unir o universal e o particular [...], uma vez que o sujeito é ao mesmo tempo universalista e comunitário e ser sujeito é estabelecer um elo entre esses dois universos ensaiarem viver o corpo e o espírito, emoção e razão.

Envoltos nessa realidade, os Coletivos Urbanos do Distrito Federal não se distanciam dessas ideias, uma vez que começam a se articular tanto com outros grupos que trabalham questões parecidas com as duas, mas também com coletivos que buscam objetivos em torno de pautas distintas das suas, com o objetivo de realizar um fortalecimento de suas demandas específicas.

Dentro desse contexto, mesmo que inconscientemente, foi criado o evento “Fortalecimento do corre” que consiste em um encontro entre os Coletivos Urbanos do Distrito Federal e demais cidadãos interessados, onde sua maioria aborda questões artísticas, culturais e de ocupação do espaço público ocioso, com o objetivo de demonstrar e espalhar a similaridade de ideias e pensamentos que os

grupos possuem, e fomentar uma facilitação na construção de uma agenda junto ao poder público, visto que, sem esses encontros, os movimentos por si só não conseguem se interligar, o que acaba por gerar um enfraquecimento de demandas conjuntas, conforme afirmou uma representante dos Coletivo Casa Ipê e Mãe-África, que afirma que há um contato com o governo, porém a falta de acesso à informação e a descontinuidade das políticas do governo, são os maiores entraves no processo de reconhecimento e atuação dos coletivos aqui do Distrito Federal, principalmente daqueles que se localizam em Brasília, mas sim nas regiões periféricas.

Neste evento específico foram abordadas formas de organização entre os coletivos para se desenvolverem conjuntamente, visto que, a maioria desses grupos possuía demandas materiais que se ajustavam nos produtos de outros grupos, como por exemplo, o Coletivo que possui como um de seus frutos a produção de eventos culturais e outro Coletivo que possui uma peça teatral a ser exibida, peça esta que foi criada ensaiada por estudantes beneficiados pelas aulas dadas no contra turno da escola.

Assim, como constatado através dos relatos dos representantes dos Coletivos presentes no evento, ficou nítido o resultado das pesquisas de Orrico Rocha (2004), onde foi confirmado que as novas formas de se comunicar, como por exemplo, os e-mails e as redes sociais, facilitaram a difusão das informações e interações entre os coletivos, entretanto, as mesmas ainda não são capazes de tratar de toda a articulação necessária para haver uma mobilização de fato, sendo necessários os encontros presenciais.

Portanto, os encontros presenciais continuam sendo muito valorizados, pois são nesses encontros que ocorre uma interlocução maior e mais duradoura entre os envolvidos nas causas sociais, mesmo que distintas. Essa ideia é corroborada por um representante do MST em uma pesquisa realizada por Rocha (2004):

O MST reconhece que a internet é uma ferramenta de luta importante para os movimentos sociais da atualidade, e destaca que ela permite um rompimento com o olhar da mídia tradicional que enxerga no movimento uma negação da ordem legal da sociedade; por outro lado, os sem-terra não acreditam que a internet seja a “principal” ou “única” forma de ação dos movimentos sociais deste início de século XXI. Para eles, a força de um movimento social continua sendo a sua capacidade de organização e mobilização.

Sendo assim, se por um lado observamos um enfraquecimento da diversidade e uma possível fragilidade conceitual dentro dos coletivos urbanos, conseguimos observar também uma maior democratização e politização entre os sujeitos que o compõem.

4.3.5 Principais Tematizações

Como foi relatado anteriormente, os Coletivos possuem uma gama variada de temas a serem abordados, que vão desde questões artísticas até questões que trabalhem com o objetivo de construir comunidades e assentamentos.

Dessa forma, foi possível separarmos os Coletivos mapeados em grupos por identidade de tema, onde foi constatado que dos 20 Coletivos identificados, 11 possuíam um caráter urbano-cidade, quatro de cunho artístico, três que trabalham questões de gênero e dois com temas ligados à saúde e educação.

A. Coletivos Urbanos que possuem seu foco em questões que envolvam diretamente o uso de espaços públicos, espaços ociosos e, ainda, problemas relacionados ao plano urbanístico de Brasília. Estes grupos nos remetem à necessidade de tratar desses problemas no Distrito Federal, que tem sido uma demanda cada vez mais crescente, onde há uma desocupação e abandono de áreas de importante valor para as comunidades e RA's, e que em poucos casos são consultadas a respeito do uso de tais áreas.

Estes Coletivos buscam, ainda, uma forma de intervir de forma direta na vida dos moradores das cidades que de alguma forma são afetadas pelos trabalhos realizados pelos coletivos, através de ocupações, intervenções e tentando, ao máximo, melhorar a qualidade de vida dos indivíduos.

B. Coletivos que se preocupam com o tema urbano-artístico da cidade. Coletivos assim buscam mudar tanto seu espaço físico como também a forma de pensar e acessar a arte dos moradores daquelas regiões, visto que, na maioria das vezes o acesso dessas pessoas à arte é muito limitado e quando não se caracterizam em primeiro plano, como por exemplo, através das intervenções artísticas na cidade, ela está envolvida como uma área auxiliadora, como no Caso do Coletivo da Cidade que busca ensinar e causar alguma melhora na vida de

crianças desprivilegiadas economicamente, mas que utiliza a arte como um dos temas de ensino.

C. **Coletivos que buscam trazer o debate e minimizar os efeitos negativos que são culturalmente associados às questões de gênero e sexualidade.** Estes grupos sociais, compostos em sua grande maioria por mulheres, possuem como objetivo a problematização da questão de gênero não apenas nos ambientes públicos, mas também em ambientes de trabalho e dentro de casa, atuando muitas vezes como um grupo auxiliador à independência de mulheres, das mais diversas faixas etárias, a conseguirem sua independência financeira, ou ao mesmo, auxiliar econômica e socialmente suas famílias, dentre outros objetivos, como a criação de consciência na sociedade sobre a importância e capacidade de trabalho das mulheres, tentando quebrar as barreiras socialmente construídas contra mulheres, homossexuais e transgêneros.

Há ainda, a presença de coletivos que tratam de questões que abrangem temáticas sobre saúde e questão exclusivamente educativas, principalmente sobre as *“hard-sciences”* como matemática e física.

De qualquer forma, é clara a vontade dos coletivos de tentar abranger os mais variados temas que lhe cabem, o que se justifica justamente pela falta de institucionalização e comunicação entre os coletivos, que muitas vezes tratam dos mesmos temas, porém, por não conhecerem os trabalhos de outros grupos, acaba por realizar trabalhos muito parecidos uns com os outros, que poderia ser realizado de forma que abrangesse mais pessoas.

4.3.6 Relações entre Coletivos

É importante observarmos as relações que os Coletivos mantêm entre si, como se comunicam, como compartilham o conhecimento, e ainda, se possuem algum tipo de vínculo.

A necessidade de se estudar as relações entre os Coletivos vai muito além das necessidades imediatas dos grupos, pois representa ainda uma vontade de mudança em determinado setor ou setores da sociedade que estão em desagrado de mais de um grupo, representando ainda uma maior parcela da população, pois mesmo que os grupos não possuam o mesmo ponto focal, o fato de um grupo ajudar

o outro demonstra que seus pensamentos estão, no mínimo, de acordo, senão não haveria uma parceria menor que seja.

Além disso, analisamos suas relações com o objetivo de compreender melhor como se dá o sistema de liderança e de tematização dentro desses Coletivos, visto que, sua concepção vem de uma formação que prioriza o poder de voz de todos os participantes do grupo de forma igual.

4.3.7 Tematização dos Coletivos

Ligada às questões de caracterização dos movimentos sociais, este tópico relaciona as principais tematizações dos coletivos do Distrito Federal em relação às suas pautas, ou seja, os temas que estão sendo abordados.

Focamos, prioritariamente, no estudo dos Coletivos que tratam das questões urbanas com viés para os que trabalham casos da cidade em si, sendo assim, adentrando nos tópicos que estão por trás deste tema.

Sendo assim, nos deparamos com abordagens diversificadas que tratam desde o acesso à um escritório compartilhado para empreendedores locais (*co-working*) em um espaço que pode ser alugado, como também coletivos que buscam acolher crianças da sua Região Administrativa que não possuem recursos para receber uma educação de qualidade, de qualquer forma, ambas buscam provocar um impacto visível nas suas regiões urbanas.

Questões de cunho solidário também permeiam o campo dos coletivos, uma vez que seu reconhecimento e sua aceitação se tornam mais profundas a partir de suas experiências particulares e seu pluralismo democrático, que possibilita, ainda, a junção entre suas pautas políticas e suas vivências de exclusão social e cultural.

Envoltos nessa realidade, os Coletivos Urbanos do Distrito Federal não se distanciam dessas ideias, uma vez que começam a se articular em torno de pautas distintas das suas, com o objetivo de realizar um fortalecimento de suas demandas específicas.

4.3.8 Sistemas de Liderança

Quanto aos papéis de cada integrante desses Coletivos não há uma formação muito clara definida, muitos desses grupos, possuem uma estrutura que acaba por demandar e centralizar a tomada de decisões em determinadas pessoas dentro do Coletivo, enquanto outras assumem um papel mais técnico e de apoio.

A. **Coletivos que possuem uma liderança definida.** Estes Coletivos possuem geralmente uma estrutura mais hierárquica e seus papéis dentro do Coletivo são definidos no momento que a pessoa entra para o grupo, entretanto, há casos de Coletivos que não possuem cargos delimitados, porém a presença de um indivíduo responsável pela aprovação ou desaprovação se faz presente.

B. **Coletivos que não possuem uma liderança definida.** A maioria desses grupos não possuem um(a) líder bem definido, o que por vezes, demonstra uma descentralização e uma tentativa de não hierarquização da estrutura organizacional. Estes grupos buscam uma maior igualdade entre todos dentro do Coletivo, desvinculando o histórico acadêmico e profissional dos participantes. Essa característica não se limita apenas aos Coletivos, mas abrange também a realização de eventos que reúnem os Coletivos, como constatado através dos eventos participados, onde nem sempre a pessoa com maior instrução acadêmica estava atuando em cargos de Direção.

O fato de não terem a presença central de uma pessoa tida como a tomadora das decisões dentro do grupo, faz com que as demandas dentro do coletivo sejam atendidas mais rapidamente, contribuindo, ainda, com a formação de novas demandas, visto que, à medida que demandas vão sendo concluídas, novas demandas ganham espaço dentro do coletivo.

4.3.9 Tipos de Presença dos Coletivos

A participação dos integrantes dos coletivos dentro do mesmo se dá de forma variada, enquanto alguns estão à frente do grupo ou no caso daqueles em que há uma horizontalidade, pessoas que estão mais engajadas com as causas, outros, acabam ficando com um caráter mais de apoio. Em todos os casos existe uma certa descontinuidade de alguns trabalhos devido à essa empatia colaborativa que nem todos possuem.

Entretanto, há ainda uma alta rotatividade dentro dos Coletivos, e essa rotatividade se dá por diversas maneiras e motivos diferentes. Um dos principais motivos relatados para essa falta de continuidade do trabalho individual dentro do Coletivo é a falta de comprometimento com o trabalho sem obter um retorno sempre financeiro ou que projete algum tipo de status. Algumas das pessoas decidem participar dos coletivos esperando que haja um certo reconhecimento por parte de pessoas, entidades ou órgãos, o que nem sempre acontece e acaba por desmotivar esses indivíduos.

Outro fator ligado diretamente à presença descontínua dentro do Coletivo está ligado à falta de credibilidade no mercado solidário, onde muitas a moeda de troca que costuma ser usada é a troca de trabalhos, ou seja, enquanto um indivíduo colabora, por exemplo, com uma aula de português, ele pode ser recompensado por essa aula através de uma aula de graça sobre marketing. Essa prática comum dentro dos coletivos reforça a intenção de fortalecimento dos laços sociais, tão importantes para a vida desses grupos sociais, como também, acaba por auxiliar no consumo consciente.

Porém, há também dentro desses grupos cidadãos engajados fortemente com as causas a que se propuseram, principalmente naqueles formados por pessoas que possuem algum vínculo além do Coletivo. Essa relação duradoura com o Coletivo se deve principalmente à vontade dessas pessoas de mudar a realidade problemática encontrada, e ainda, acreditar que mesmo o trabalho não sendo fácil, a recompensa pelo mesmo vale a pena o esforço.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo analisar as formações dos novos públicos do Distrito Federal, conhecidos como “Coletivos Urbanos”, estudar como se dá as características centrais dos coletivos, no caso sua mutabilidade e adaptabilidade frente às questões em voga. Buscou-se entender, portanto, as formas em que os problemas se estruturam e terminam por causar a formação desses grupos.

É importante observarmos a importância que esses públicos possuem dentro da sociedade em que vivemos atualmente, onde os indivíduos desejam ter cada vez mais voz ativa não apenas na consolidação e manutenção do Estado, mas dos seus próprios meios, dando relevância, ainda, para às suas próprias realidades, o que as conecta diretamente com um desejo de maior controle das ações governamentais, o que ocorre também com a questão da transparência na esfera pública.

Salienta-se, ainda, como este campo de estudo sobre movimentos sociais vêm se destacando nesta década e ganhando cada vez mais espaço nos debates sócio-políticos. Porém, é necessário que esse olhar, que muitas vezes é enviesado para uma análise estado-cêntrica, seja direcionado para uma análise que busque focar no ponto central destes movimentos, em quem está fazendo estas ações sociais acontecerem, ou seja, analisar o público e suas dinâmicas através do próprio público.

Dessa forma, foi mapeado grande parte dos Coletivos Urbanos em atuação no Distrito Federal, com uma amostragem que abrange diversas Regiões Administrativas e não apenas os Coletivos de Brasília, entretanto, não foram possíveis localizar todos os Coletivos em atuação no momento visto que, muitos destes grupos não possuem um fácil acesso de comunicação, não se localizando em sites, nem redes sociais e muito menos em espaços físicos fixos e consolidados, sendo divulgados apenas através de indivíduos que conhecem o Coletivo de “ouvir falar”, mas sequer participam do mesmo.

Outro fator que dificultou e impossibilitou o mapeamento de todos os Coletivos se deu por um problema conceitual, ou seja, muitos dos grupos que atuam com características de coletivos não se denominam assim, e acabam se afastando desse conceito por acreditar que o mesmo não se encaixa no perfil do grupo.

Quanto às estruturas fixas destes Coletivos, há uma grande discrepância entre seus locais de realização e ponto de encontro, onde alguns coletivos possuem um local totalmente voltado para a realização de atividades, contando com salas, cozinha e escritórios, outros Coletivos sequer possuem um espaço para se reunirem. Os problemas causados pela falta de uma estrutura física ainda são de grande impacto para os participantes dos coletivos, pois mesmo com o uso das redes sociais para se comunicarem, o que facilitou muito não apenas o desenvolvimento de alguns grupos, mas também seu próprio nascimento, ainda é necessário um espaço para a realização de determinadas atividades e reuniões que por enquanto ainda não são totalmente viáveis pela internet, principalmente em reuniões com outros grupos.

Há, ainda, uma falta de diálogo que esses meios possuem com o governo, o que reforça a caracterização do governo atual em relação aos interesses e reivindicações dos representados. Entretanto foi observado também que vários Coletivos sequer procuram o governo, uma vez que já estão descrentes do acesso ao governo ou não estão dispostos a enfrentar as falhas burocráticas que permeiam toda a esfera pública. Sendo assim, o acesso e a comunicação entre estes dois pólos da sociedade caminham a passos lentos para uma convergência de ideias.

Observando e analisando a ligação e os impactos que esses Coletivos já provocaram na sociedade em que estão inseridos, em muitos casos foi observado até a própria percepção de valorização deles mesmos, como no caso do Coletivo Casa Monstro, que através de eventos em seu espaço na Samambaia e as visitas abertas à comunidade pode abrir a mente dos moradores da região para o usufruto daquele espaço que por muitos é elitizado por ser muito organizado e bem decorado, o que antes era claro o afastamento a priori devido a elitização dos espaços que exclui aqueles moradores desses ambientes.

Por fim, fica evidente tanto a familiaridade das construções desses novos coletivos com os movimentos sociais chamados de clássicos, nos aspectos motivacionais, assim como, foi percebido a sua discrepância dos mesmos, principalmente no que tange às suas formas de se comunicarem e se articularem para até ocorrer o seu nascimento. Entretanto, é necessário propor e discutir novas formas de organização particulares e intersetoriais entre os Coletivos do Distrito Federal, uma vez que, é quase unânime as reclamações a respeito da falta de

interatividade entre os mesmos, que muitas das vezes buscam até objetivos similares. Mesmo com a criação de eventos periódicos em torno deste tema, como o “Fortalecimento do corre” ou a criação de um grupo para agregar o máximo de coletivos possível, como a ONG Jovem de Expressão, ainda há uma precariedade a ser suprida, visto que, muitos Coletivos continuam no anonimato, sem receber apoio dos demais Coletivos, e a criação destes grupos se torna cada vez mais constante uma vez que os problemas não param de surgir e as demandas anteriormente levantadas muitas das vezes não são atendidas.

REFERENCIAL TEÓRICO

ALVIM, D. A; RODRIGUES, A. **Coletivos, ocupações e protestos secundaristas: a fênix, o leão e a criança**. Educação Temática Digital. Campinas: v.19, jan/mar 2017.

BOSCHI, Renato Raul. **Debates Urbanos – Movimentos Coletivos no Brasil Urbano**. 1984.

BOULLOSA, Rosana de Freitas. **Mirando ao revés nas políticas públicas: notas sobre um percurso**. 2013.

BOULLOSA, Rosana de Freitas. **Problemas públicos: estado da arte e notas sobre um novo sujeito de pesquisa**. Ecole des Hautes Études en Sciences Sociales, EHESS, França, 2015.

CALDEIRA, Teresa P. do Rio. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Ed. 34/ EDUSP, 2000.

CEFAI, Daniel. **Como nos mobilizamos? A contribuição de uma abordagem pragmatista para a sociologia da ação coletiva**. 2008.

DEMBOUR, Marie-Bénédicte. **Following the Movement of a Pendulum: Between Universalism and Relativism**, em COWAN, Jane K. et al (eds.), Culture and Rights. Anthropological Perspectives, Cambridge University Press, 2001.

DEWEY, John. **O público e seus problemas: em busca do público**. 1927.

FISCHER, Frank. **Beyond Empiricism: Policy Inquiry In Postpositivist Perspective**. 2016.

GOHN, Maria da Glória. **Manifestações dos indignados no Brasil: antes, durante e depois de junho de 2013. Manifestações de junho de 2013 no Brasil e praça dos indignados no mundo**. Petrópolis: Vozes, 2014.

GOHN, Maria da Glória. **Manifestações e protestos no Brasil: correntes e contracorrentes na atualidade**. S. Paulo: Cortez, 2017.

GUIMARÃES, Maria Clariça Ribeiro. **Os movimentos sociais e a luta pelo direito à cidade no Brasil contemporâneo**. Universidade Federal de Campina Grande, 2015.

HORI, Paula. **Os Coletivos Urbanos da Cidade de São Paulo: ações e reações**. São Paulo. 2017.

LACLAU, Ernesto. **Os novos movimentos sociais e a pluralidade do social**. Revista do CEDLA, *Latin American Studies*, nº 29. 1983.

Relatório Final da Força-Tarefa de Fiscalização Conjunta dos Hospitais Públicos do Distrito Federal. Disponível em:
<http://www.mpdft.mp.br/portal/pdf/comunicacao/site/arquivos/relatorio_final_forca_tarefa.pdf>
> Acesso em: 23 de out. 2017.

SCHERER-WARREN, Ilsen. **Ações coletivas e movimentos sociais: revisitando conceitos. Redes emancipatórias: nas lutas contra a exclusão e por direitos humanos.** Curitiba: Appris, 2012.

SCHERER-WARREN, Ilsen. **Redes de Movimentos Sociais na América Latina – caminhos para uma política emancipatória?** 2008.

SILVA, Marcelo Kunrath. **Cidadania e exclusão: Os movimentos sociais urbanos e a experiência de participação na gestão municipal em Porto Alegre.** Porto Alegre: UFRGS, 2002.

SOUZA, Ana Carolina M. Figueira. MANOLESCU, Friedhilde M. K - **A importância do espaço para o lazer em uma cidade.** São José dos Campos - SP. 2008

SOUZA, Marcelo Lopes. **Mudar a Cidade – Uma Introdução Crítica ao Planejamento e à Gestão Urbanos.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SOUZA, Maria Antônia. **Movimentos sociais no Brasil contemporâneo: participação e possibilidades no contexto das práticas democráticas.** Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Tuiuti de Curitiba, PR. 2004.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA	
01	Vocês se denominam Coletivo?
02	Como o Coletivo foi formado?
03	Qual o perfil dos participantes deste Coletivo? E como você se vê neste Coletivo? E como se dá a participação e o engajamento destes participantes?
04	Como o Coletivo se organiza? Quais os principais recursos que vocês possuem (econômico, cultural, cognitivo, organizacional)?
05	Vocês têm um ou vários temas específicos de engajamento público? Se vários, como se dá esta articulação? Por que o interesse em tratar sobre este tema/problema e porque fazê-lo a partir de um Coletivo?
06	Você acha que este problema já está bem consolidado na sociedade e na política?
07	Você teve ou tem o apoio de algum outro Coletivo ou organização de modo geral?
08	Vocês também realizam ações para resolver ou ajudar a resolver este problema? Se sim, pode dar exemplos? Estas atitudes são pontos centrais no grupo ou são de caráter mais secundário/eventual?
09	Através de qual meio as pessoas mais chegam até vocês?
10	Quais os principais avanços/conquistas? E quais as maiores dificuldades que o Coletivo encontra atualmente?
11	Como você avalia a qualidade do diálogo entre este formato novo de articulação social e a sociedade em geral?

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

ENTREVISTA - URBANISTAS POR BRASÍLIA	
01	Não usamos a nomenclatura: Coletivo. Por vezes denominamos grupo, ou movimento, ou simplesmente Urbanistas por Brasília.
02	Em setembro de 2011 tudo começou. Quase 140 Arquitetos e Urbanistas, grande parte oriunda da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, se uniram devido a um grave precedente que poderia ameaçar a integridade do projeto urbanístico de Brasília: o projeto hoteleiro da 901 norte para a Copa do Mundo de futebol.
03	Além do que foi dito no post, o perfil é eminentemente técnico. Temos um núcleo formado por arquitetos e outro mais ampliado (fórum) com pessoas de diversas formações que se interessam pelos temas urbanísticos (cerca de 90% desse núcleo maior são arquitetos).
04	Basicamente atuamos por meio de discussões em redes sociais. Há um grupo maior no Facebook e outro menor no Whatsapp. Não temos recursos financeiros, tudo é por voluntariado. Devido a isso alguns integrantes são constantemente mais demandados que outros, que ficam somente atuando como apoio.
05	Os temas são variados, surgem diariamente e alguns interessam mais à coletividade e dependem da participação popular para apresentar resultados. O poder público geralmente é nosso alvo de mobilizações e ele age efetivamente quando há pressão popular.
06	Atuamos na defesa de Brasília enquanto patrimônio mundial tombado, e também em relação ao urbanismo do DF. É um assunto um tanto hermético e não há muita predisposição da população para atuação. Dessa maneira tentamos traduzir questões técnicas para uma linguagem mais acessível, envolvendo a população para solucionar o problema. Por outro lado por vezes a população vê o Urbanistas como uma ouvidoria, o que não é uma tarefa fácil.
07	Há parcerias esporádicas e comunicação aberta com instituições como IAB-DF, Rodas da Paz, Associações de moradores em geral.

08	<p>Ações presenciais são sempre extremamente difíceis de operacionalizar. Destacamos uma ocorrida em 2013 que pode ser conferida nesse link https://urbanistasporbrasil.wordpress.com/2013/12/02/1771/.</p> <p>O mais comum é atuarmos com petições eletrônicas e pressões em redes sociais como nesse caso https://urbanistasporbrasil.wordpress.com/pela-preservacao-do-cine-drive-in-de-brasil/</p>
09	<p>A interface com a sociedade se dá por meio de nossa fan page no Facebook, por onde expomos os assuntos e estimulamos a reflexão e a mobilização da sociedade. Para participação mais efetiva, em termos de discussões internas e atuação presencial, algumas pessoas nos procuram ou selecionamos nas redes sociais, sempre dando preferência à formação relacionada a arquitetura e urbanismo</p>
10	<p>Atuamos desde 2011 com vitórias importantes onde destacamos a não construção do empreendimento hoteleiro na quadra 901 norte, a não aprovação do PPCUB, a preservação do cine drive-in e a não construção do Memorial João Goulart. A maior dificuldade é conciliar a rotina de trabalho e estudos de todos com a necessidade de dedicação ao movimento. Tudo demanda muito tempo e disponibilidade física e intelectual, o que nunca é fácil, e acaba-se sobrecarregando alguns elementos do grupo. A cobrança e patrulhamento em relação ao grupo também são diretamente proporcionais à exposição midiática, o que demanda muita paciência e tolerância com manifestações agressivas ou isentas de imparcialidade.</p>
11	<p>As redes sociais são uma ferramenta poderosa de comunicação e mobilização quando a intenção e atuação são idôneas, priorizando-se sempre a credibilidade na atuação do grupo. No nosso caso o desafio maior é transpor as questões técnicas e o "urbanês" para uma linguagem mais acessível e coloquial para que haja um apelo e se construa uma parceria com a sociedade em geral para mobilizações e pressões junto ao governo.</p>

APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

ENTREVISTA - COLETIVO CALUNGA	
01	<p>Sim. Coletivo Calunga, termo de referência a um grupo quilombola do interior do Goiás, é um coletivo de estudantes da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília cujo propósito é acolher e promover o empoderamento de estudantes negros e levantar a discussão racial dentro e fora da universidade.</p> <p>Calunga é também jargão da arquitetura, e isso remete às duas frentes pelas quais este coletivo pretende trabalhar: a do movimento negro e a de repensar a arquitetura e o urbanismo. Na verdade, entendemos essas duas dimensões como indissociáveis, uma vez que o urbanismo e a arquitetura, tem sido um vetor de segregação. Tanto se segrega e tanto se cala, que aqui salta aos olhos a falta de movimentos com essa intenção.</p>
02	<p>No final do segundo semestre de 2014, comecei a ter acesso às questões do movimento negro de maneira mais aprofundada, e passei por um processo pessoal de reconstrução da autopercepção como mulher negra. Com todas as inquietações geradas pelo início dessa nova percepção e consciência de mundo, especialmente os contrastes com a elitíssima opressiva faculdade de arquitetura e urbanismo da UnB, veio naturalmente a necessidade de se “aquilombar” por assim dizer, e buscar apoio e acolhimento com os poucos negros guerreiros que conseguiam se fazer presentes naquele ambiente hostil. Os encontros foram extremamente positivos, principalmente no sentido do acolhimento e assim surgiu a vontade de que eles acontecessem com mais frequência, e juntamente com os debates e inquietações expostas vieram os planos de ação e o coletivo calunga se estabeleceu oficialmente no primeiro semestre de 2015.</p>
03	<p>O coletivo é formado pelos alunos e alunas que se reconhecem como negros dentro da faculdade de arquitetura e urbanismo da UnB. Me vejo nesse coletivo como um membro de igual importância com relação aos demais. Cada membro contribui com o que acredita ser possível, sempre de maneira voluntária e levando em consideração a disponibilidade de cada um dentro da desesperadora carga de trabalho da FAU. Nos encontros discutimos nossas inquietações, percepções e visões num ambiente de empatia e acolhimento e assim brotam as ideias de planos de ações, atividades, rodas, palestras, oficinas e em geral oportunidades que encontramos de nos fazer ouvidos e presentes dentro desse constante contexto de exclusão.</p>

04	<p>O coletivo se organiza em reuniões semanais, onde cada membro se voluntaria para realizar alguma atividade que tem mais afinidade e que contribua para a realização do projeto em pauta. É comum que cada um tenha um talento especial, ou uma tarefa que lhes seja cara, ou de realização mais fácil e mais comum ainda - ousou dizer que sempre - termos múltiplos projetos em andamento.</p>
05	<p>As questões que envolvem o movimento negro são sempre múltiplas e frequentemente nos aparecem como infinitas. Quando se trata de opressão sempre haveremos uma visão que nunca havíamos pensado antes sobre um tema que nunca havíamos pensado sobre antes. O que fazemos é buscar temas recorrentes nas experiências de vida dos membros, e temas nos quais os membros tenham interesse em desenvolver de alguma forma, ou ainda temas que apresentam alguma urgência ou presença do debate da atualidade política. O urbanismo e a arquitetura, tem sido cada vez mais um vetor de segregação e um vetor de manutenção da opressão racial, no entanto não vemos em nenhum momento do curso a discussão se estender para esse enfoque e assim continuamos a aprender a fazer cidades de forma hostil e racista, sem levar em consideração absolutamente nada dessa enorme demanda de mudança.</p> <p>Entendemos a cidade como algo que permeia todas as relações sociais e que, portanto, se faz presente em cada caso de opressão que a população negra sofre. A luta do movimento negro é algo extremamente necessário e tentamos contribuir para ela através das nossas capacidades e instrumentos de trabalho. Juntos somos mais fortes!</p>
06	<p>Sim. Absolutamente e infelizmente.</p>
07	<p>O início do coletivo se deu com o apoio do Centro Acadêmico e hoje com sua reestruturação temos o CAFAU como aliados. O Quilombo, da UnB, é um coletivo cujo trabalho é incrível e também nos enche de orgulho estarmos juntos nessa caminhada. O coletivo feminista Mayumi Lima também se mostrou como aliado em alguns trabalhos.</p>
08	<p>O ponto central do coletivo é o acolhimento dos jovens negros na faculdade de arquitetura e urbanismo, com esse objetivo são realizadas todas as ações do coletivo. Além das reuniões semanais, onde oferecemos um espaço de fala acolhedor rodeado por pessoas que costumam entender suas dores, tivemos a exposição Negras Vidas, participações na semana escala (semana universitária da FAU- UnB), palestras, rodas, debates, intervenções artísticas, mobilizações para manifestações, mostras de filmes, eventos, etc.</p>

09	É só falar com qualquer membro do coletivo, aparecer nas reuniões que puder, mandar mensagens pela página ou pelo grupo da FAU no Facebook. O meio que mais estabelecemos contato é por indicações de amigos, pelo espaço físico da FAU e pela página do Facebook.
10	Me emocionei muito ao convocarmos uma reunião, neste segundo semestre de 2017 e encontrar um número de pessoas presentes mais do que cinco vezes maior do que nas primeiras reuniões. Foi muito bonito ver toda aquela juventude negra, apesar de todas as barreiras impostas seja pela falta de disponibilidade causada pelo curso, pela dificuldade de acesso daquele espaço, ou enfim pelas inúmeras dificuldades impostas ao jovem negro, ver a juventude negra ali, presente e disposta a fazer todo o possível para mudar a realidade hostil e conquistar um mundo mais justo, onde o negro resiste e tem a liberdade de existir e viver bem e ser tudo que ele quiser ser, sem asas cortadas.
11	<i>Não foi respondido.</i>

APÊNDICE D – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

ENTREVISTA - CASA MONSTRO	
01	Sim, Coletivo Casa Monstro.
02	<p>A casa monstro nasceu de uma falta de adaptação ao mercado e de uma insatisfação com isto. Dessa forma, nasce da vontade de ter seu próprio espaço de trabalho e seu próprio nicho. Pois o meio corporativo por mais liberal que possa parecer ele ainda é totalmente engessado, burocrático. Então, a ideia da Casa Monstro é de um lugar onde as pessoas possam trabalhar com o que gostam e felizes, e não apenas porque precisam trabalhar. É um espaço onde tudo estivesse interligado, ou seja, o trabalho, o estilo de vida, o lazer, o consumo, pois ele nasceu de uma mudança de hábito das idealizadoras do Coletivo, ou seja, não querendo usufruir de espaços onde o trabalho escravo é presente, ou os donos são pessoas homofóbicas, preconceituosas, etc.</p>
03	<p>O perfil são pessoas que estão insatisfeitas e que querem mudar sua realidade, ou seja, pessoas que não acreditam na possibilidade de mudança ou que tudo está muito bem não se encaixam dentro do Coletivo, tirando isso, todos os tipos de pessoas são bem-vindas, basta ter um pouco de insatisfação dentro de si.</p> <p>Lorena: Em relação ao papel no Coletivo, eu me vejo como uma fomentadora da insatisfação, ou seja, aproximando as pessoas através das suas indignações em relação aos problemas atuais, formando influenciadores.</p> <p>Gabi: Me sinto uma facilitadora, ao mesmo tempo que me sinto uma mentora, tornando a comunicação entre os altos escalões com as pessoas mais humildes que não conseguem se comunicar com essas pessoas.</p> <p>A participação nesse coletivo é aberta ao público, basta ter vontade de participar, porém, as pessoas depois que entram no corpo administrativo do Coletivo muitas vezes não entendem o papel do Coletivo antes de entrar, pois na prática percebem que não tem todo o “glamour” esperado. Porém, as pessoas que já participaram são pessoas bem engajadas, porém o acesso da comunidade ainda é restrito, por causa da própria cultura que cria um preconceito pelo coletivo ser em Samambaia, e dos próprios moradores da Samambaia que muitas vezes não se sentem pertencentes a esse “universo”.</p>

04	<p>Por enquanto, que o Coletivo conta apenas com duas pessoas, as integrantes do Coletivo se dividem com as funções e demandas que aparecem.</p> <p>Os principais recursos vieram de um dinheiro que já havia sido guardado, dos bazares que foram feitos e ainda são feitos, conseguiram recursos ainda, através de compras no atacado para vender em Goiânia, e ainda de um prêmio que foi ganho sobre a temática de Rede de Coletivos Urbanos da DF que foi realizado pelo Coletivo Jovem de Expressão. Sobre os recursos intelectuais, ambas as idealizadoras do grupo possuem vários cursos, enquanto um possui formação em Design de Moda, a outra participante do Coletivo, é autodidata, dessa forma possui facilidade em aprender a parte teórica do que elas já estavam fazendo ou pensando em fazer.</p>
05	<p>Possuem vários temas, são eles: sustentabilidade, acessibilidade para todas as classes sociais, ou seja, uma maior democratização da cultura, da educação e do lazer, e ainda, todas as desigualdades que existem.</p> <p>A importância de tratar dessas questões vem da percepção de um estilo de vida insustentável que a população no geral possui.</p>
06	<p>Sem dúvida, é como estar entre quatro paredes de concreto e tentando derrubar com as próprias mãos, é tentar mudar justamente o que as pessoas já dizem que não tem jeito, que “sempre foram assim”.</p>
07	<p>Sim, participando da ONG Jovem de Expressão, que possui uma rede com 10 Coletivos e promove diversas ações, como aulas de informática e artes, e facilitando a comunicação entre os Coletivos.</p>
08	<p>Sim, o objetivo é transformar o Coletivo em uma Escola Livre, dando acesso à educação, arte, atividades físicas, palestras de cursos específicos, etc, mas trabalhando ainda através de brechós também, para diminuir o consumo excessivo presente hoje em dia.</p>
09	<p>Foram criadas todas as maneiras para as pessoas participarem, no momento através das redes sociais.</p>

10	<p>A primeira conquista foi uma parceria com a dona do espaço em que o Coletivo Casa Monstro atua hoje. Uma segunda conquista foi o sucesso do evento que foi realizado em que vieram pessoas de quase todas as Regiões Administrativas do Distrito Federal. As maiores conquistas foram: o vencimento do Edital da ONG “Jovens de Expressão”, pois ela capacitou uma outra grande conquista que foi reservar um espaço apenas para o Coletivo e não mais dividi-lo com uma residência.</p> <p>Os maiores desafios têm sido a barreira com a própria comunidade e a comunicação com os demais Coletivos. A comunidade por não se sentir parte deste Coletivo, muitas vezes acaba por ter mais participantes de outras regiões do que os moradores da própria rua. Ainda como grande dificuldade é a comunicação com outros Coletivos, visto que, há uma demora de resposta e muitas vezes a única forma de comunicação é o e-mail.</p>
11	<p>O diálogo ainda é fraco e de difícil acesso entre os próprios coletivos, o que acaba por gerar uma série de outros problemas.</p>

APÊNDICE E – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

ENTREVISTA – COLETIVO POÉTICO ASSUM PRETO	
01	Sim. Nos definimos enquanto Coletivo Poético Assum Preto.
02	Foi formado a partir da experiência de um de nossos membros em Caracas, na Venezuela. Lá ocorreu o contato com vários Coletivos Poéticos que serviram de inspiração para nossa atividade.
03	<p>O perfil é amplo, ainda que constantes se mantenham. Há poetas, músicos, fotógrafos, designers, etc. Somos pessoas de capital econômico e cultural semelhante e, para além da atuação no Coletivo, somos amigos.</p> <p>Como membro fundador, me vejo constantemente no papel organizativo. A participação, normalmente, dá-se com o fervilhar de alguma ideia por parte de algum membro do Coletivo que então é incorporada pelos demais.</p>
04	Pela amizade, nos encontramos ao menos uma vez por semana. Mantemos também dois grupos no WhatsApp. Um para questões amplas e brincadeiras e outro para questões mais “encaminhativas”. Nossas atividades, que são gratuitas, são bancadas por nós mesmos. Atualmente fazemos uma Residência Artística na Casa da Cultura da América Latina, o que nos permite explorar um espaço físico.
05	Nosso “único” tema é a poesia enquanto modo de vida. “Só acredito em poeta experimental que tenha vida experimental”, dizia Roberto Piva. Todas as atividades que tocamos, seja direta ou indiretamente, buscam o mais além que se esconde na vida cotidiana.
06	Não. Não está. Vivemos em uma sociedade amordaçada por todos os lados: anti-poética, anti-coletiva, anti-ecológica, anti-criativa, anti-tesão. São tempos difíceis.
07	Tivemos e continuamos tendo. Começamos nossas atividades no Mercado Sul, em Taguatinga, e hoje atuamos na Casa da Cultura da América Latina. Somos extremamente gratos.

08	Vivemos.
09	Depende do que é considerado fácil. Possuímos um ritual iniciático que envolve picadas de formigas saúva. Não posso dar mais detalhes sobre. No mais, como nos estabelecemos, para além de tudo, sob uma forma afetiva, a entrada de novos membros é sempre como o começar de uma nova amizade. Não há trâmites burocráticos. Há corações compartilhados.
10	Em pouco tempo, cerca de 01 ano de atuação, conseguimos chegar até muitas pessoas, nos estabelecer em um espaço físico - que possibilita a realização de várias atividades - e propor eventos. Uma das grandes emoções do ano foi a atividade "Xamanismo e Poesia" com o xamã Davi Kopenawa.
11	É difícil. A poesia é uma arte minoritária. O diálogo, como um todo, é difícil. Mas não nos preocupamos com isso. Não mais. Nossa preocupação é acordar, tomar banho, cumprimentar as pessoas na rua, apaixonar-se, sorrir, chorar, propor, ler e falar sobre o que nos interessa. Sem correntes. Sem moralismos. Sem medos. Uma vez tentamos o retorno a infância por uma máquina do tempo criada por um amigo das engenharias da UNB. Não deu certo. Desde então lemos William Blake antes de dormir e realizamos orações para nossos ancestrais, o povo Tupinambá.